

**FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ**  
**CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**NEUSA IOHANNA COUTINHO WEISS**

**O RETORNO DE JÁNOS HUNYADI NA HUNGRIA DO SÉCULO XXI:  
O CAVALEIRO DEFENSOR DO BASTIÃO DA EUROPA CRISTÃ  
CONTRA INVASORES DURANTE A CRISE DOS REFUGIADOS**

**Recife**  
**2020**

**FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ**

**CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**NEUSA IOHANNA COUTINHO WEISS**

**O RETORNO DE JÁNOS HUNYADI NA HUNGRIA DO SÉCULO XXI:  
O CAVALEIRO DEFENSOR DO BASTIÃO DA EUROPA CRISTÃ  
CONTRA INVASORES DURANTE A CRISE DOS REFUGIADOS**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para graduação no curso de Relações  
Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Antonio  
Henrique Lucena

Recife  
2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

W429r Weiss, Neusa Iohanna Coutinho.  
O retorno de János Hunyadi na Hungria do Século XXI: o cavaleiro defensor do Bastião da Europa Cristã contra invasores durante a crise dos refugiados / Neusa Iohanna Coutinho Weiss. – Recife, 2020.

74 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Henrique Lucena.  
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2020.  
Inclui bibliografia

1. Análise de conteúdo. 2. Crise dos refugiados. 3. Democracia iliberal. 4. Hungria. 5. Populismo. 6. Securitização. 7. Trauma cultural.  
I. Lucena, Antônio Henrique. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã.  
III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2020.2-324)

**FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ**  
**CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**NEUSA IOHANNA COUTINHO WEISS**

**O RETORNO DE JÂNOS HUNYADI NA HUNGRIA DO SÉCULO XXI:  
O CAVALEIRO DEFENSOR DO BASITAO DA EUROPA CRISTA CONTRA  
INVASORES DURANTE A CRISE DOS REFUGIADOS**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
para a graduação no curso de Relações  
Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Antonio  
Henrique Lucena.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Recife  
2020

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus por todas as oportunidades que me tem concedido nesta minha jornada.

Agradeço enormemente ao meu marido, Gabor Szentkereszty de Zagon, no qual sempre tive um fiel companheiro, porto seguro e fonte de inspiração, e que através de suas raízes, possibilitou o meu contato com a cultura húngara, permitindo que a nova paixão pela história húngara se desenvolvesse e tomasse forma com este trabalho.

Agradeço ao meu orientador, o professor Doutor Antonio Henrique Lucena, pelo qual nutri grande admiração ao longo do percurso acadêmico, e a quem sou grata por ter aceitado realizar a minha orientação na realização deste trabalho. Da mesma forma agradeço a todos os professores que de alguma forma deixaram suas marcas na minha formação, dando-me suporte e conselhos durante a jornada de estudos.

Tenho gratidão pela instituição de ensino Faculdade Damas de Instrução Cristã e por todos os seus funcionários, que me acolheram tão pronta e carinhosamente, disponibilizando uma estrutura de qualidade e contribuindo para chegar onde cheguei.

Agradeço minha família que, mesmo distante, sempre me auxiliou como pôde, estando presente no apoio emocional e cujo incentivo foi essencial. Agradeço também a todos os colegas e amigos que aliviaram a caminhada, compartilhando as vivências e proporcionando sorrisos.

Dedico este trabalho à memória de  
meu querido pai Gerhard Vasco  
Weiss, a minha eterna referência.

“People use politics not just to advance their interests but also to define their identity. We know who we are only when we know who we are not and often only when we know whom we are against.”

— Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*

## RESUMO

A relevância do passado histórico da Hungria milenar e a análise de conteúdo dos discursos proferidos pelo primeiro-ministro Viktor Orbán são necessárias para a compreensão do gerenciamento da crise dos refugiados no âmbito da securitização segundo a Escola de Copenhagen. Assim, é necessário realizar um estudo histórico e de construção de narrativa de trauma cultural coletivo, bem como medidas que caracterizam a intenção de transformação da Hungria em uma democracia iliberal, para enquadrar o processo securitizador da questão migratória dentro de um contexto político mais amplo de radicalização do partido Fidesz, utilizando-se da análise do conteúdo dos discursos do premier para enquadrá-lo dentro de contexto de ascensão do populismo identitário na Hungria.

**Palavras-chave:** Análise de conteúdo. Crise dos refugiados. Democracia iliberal. Hungria. Populismo. Securitização. Trauma cultural.



## **ABSTRACT**

The relevance of the historical past of ancient Hungary and the content analysis of the speeches made by Prime Minister Viktor Orbán are necessary to understand the management of the refugee crisis in the context of securitization according to the Copenhagen School. Thus, it is necessary to carry out a historical study and to construct a narrative of collective cultural trauma, as well as measures that characterize Hungary's intention to transform an illiberal democracy, in order to frame the securitization process of the migratory issue within a broader political context. radicalization of the Fidesz party, using the analysis of the content of the premier's speeches to fit it within the context of the rise of identity populism in Hungary.

**Keywords:** Content analysis. Refugee crisis. Illiberal democracy. Hungary. Populism. Securitization. Cultural trauma.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Linha do tempo da história húngara .....	16
<b>Mapa 2</b> - Fronteiras da Europa Cristã, 2018.....	28
<b>Figura 3</b> - Modelo de securitização .....	35
<b>Figura 4</b> - Outdoor de Campanha governamental para Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo: “Se você vem para a Hungria, deve respeitar a nossa cultura!”, 2015. ....	50
<b>Figura 5</b> - Outdoor de Campanha governamental para Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo: "Se você vem para a Hungria, deve respeitar as nossas leis!", 2015. ....	50
<b>Figura 6</b> – Cartaz do governo sobre os resultados da Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo: “O povo decidiu: o país deve ser defendido.” .....	51
<b>Gráfico 7</b> - Gráfico elaborado por Nézópont Intéret a partir dos resultados da pesquisa de opinião de setembro de 2015.....	54
<b>Figura 8</b> - Publicação na página oficial do primeiro ministro retratando o mapa pré-Trianon no Facebook .....	56
<b>Figura 9</b> - Dendograma de Classificação Hierárquica Descendente (DHA) dos discursos ....	60
<b>Gráfico 10</b> – Pesquisa sobre Opinião Pública na Hungria - International Republican Institute, 2017.....	63

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. Análise histórica da Hungria .....	15
1.1. Conquista da Pátria e Fundação do Reino Húngaro Cristão .....	16
1.2. Guerras Otomanas .....	17
1.3. O Complexo de Trianon e a Hungria no século XX.....	21
1.4. A chegada de Orbán ao poder: medidas antidemocráticas, nacionalismo e crise dos refugiados .....	23
2. Embasamento teórico .....	30
2.1. Escola de Copenhagen.....	30
2.2. Teoria do trauma coletivo.....	37
2.3. Democracia iliberal.....	39
2.4. Populismo .....	41
3. Análise Empírica .....	45
3.1. Consulta nacional sobre Imigração e Terrorismo.....	45
3.2. Fronteiras húngaras meridionais.....	52
3.3. Complexo de Trianon e o Trauma Cultural.....	54
3.4. Análise de conteúdo dos discursos de Viktor Orbán a partir do software IraMuteQ.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	67
ANEXO .....	72

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo estudar o efeito do fenômeno migratório europeu nas políticas do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, tentando responder à seguinte pergunta: Como o primeiro-ministro da Hungria instrumentaliza uma possível securitização da crise dos refugiados em um contexto de ascensão da extrema-direita na Hungria? Procura-se compreender se houve uma politização, seguida de securitização da questão migratória, instrumentalizada dentro de um contexto de ascensão de movimentos populistas dentro da União Europeia. Para isso, serão abordados os marcos históricos que auxiliam a compreensão do discurso de construção da identidade nacional do primeiro-ministro húngaro e do resgate desta identidade nacional húngara como “defensora da fortaleza europeia contra a invasão das hordas islâmicas”, como colocado por Orbán em entrevista à Kossuth Rádió, em 2015.

Para compreender um argumento de tamanha complexidade será necessário identificar e explorar os fatores históricos que desempenham um papel fundamental no resgate e construção da identidade nacional húngara, bem como os fatores catalisadores do processo de transformação e redirecionamento da política migratória húngara, utilizando-se da análise desta política como principal ferramenta.

Serão abordados, como veremos mais adiante, o revanchismo presente na cultura húngara, que tem seu marco histórico catalisador na assinatura do Tratado de Paz de Trianon, que em 1920 coroou a dissolução do Império Austro-húngaro no pós Primeira Guerra Mundial.

Para realizar o estudo a que se propõe esse trabalho, o conceito que mais se adequa ao objeto de análise é o de securitização adotadas por Buzan, Waever e Wilde (1998), representantes da Escola de Copenhague, além de uma abordagem da construção da identidade nacional sob o ponto de vista da Teoria do Trauma Coletivo, de Jeffrey Alexander para, então, realizar a conexão entre a ascensão da nova direita europeia na qual se encaixam o partido de Orbán (Fidesz) e o partido de extrema-direita húngaro (Jobbik) dentro do arcabouço teórico do populismo segundo Cas Mudde. Por fim, haverá um enquadramento da situação política húngara dentro do conceito de democracia iliberal, como formulado por Fareed Zakaria.

O recorte temporal abrangerá o dia 29 de maio de 2010, quando Orbán assume cargo de primeiro-ministro até os dias atuais, com especial ênfase nos acontecimentos de 2012 e 2017, que representem marcos críticos (que serão especificados ao longo do trabalho) devido a importantes reformas constitucionais e ao ápice da crise dos refugiados que teve efeitos significativos no rumo de inúmeros países europeus, alimentando ondas de extrema direita.

O recorte espacial será focado na Hungria e em sua fronteira com os países balcânicos (a Sérvia principalmente) e rota traçada por fluxo migratório que passa pela Hungria para chegar aos países europeus ocidentais.

O método empregado será qualitativo, através da análise de conteúdo, por meio do software IRaMuTeQ, e uma análise histórica a partir de dados secundários advindos da página oficial do governo húngaro – Magyarország Kormánya, do Ministério das Relações Exteriores húngaro, bem como páginas oficiais do Parlamento Europeu.

O tema é academicamente relevante devido a uma lacuna no estudo relativo à análise da instrumentalização da crise migratória pelo primeiro-ministro húngaro, pois tal fenômeno é relativamente recente em termos históricos. A crise migratória na União Europeia atingiu seu ápice durante o ano de 2015 e desde então não há estudos relativos à securitização da questão migratória pelo primeiro-ministro húngaro e quanto à natureza de seu regime, no contexto de radicalização do seu partido Fidesz.

Portanto, esse estudo é inovador ao procurar unir os conceitos de securitização aplicada aos fluxos migratórios. Na Europa oriental o euroceticismo reconfigura o debate sobre fronteiras e identidades. Deve-se considerar que a literatura acadêmica é rica em estudos e debates sobre as correlações entre fronteiras e identidades, bem como sobre a securitização de questões que ameacem a sobrevivência do Estado baseada nestas duas variáveis. No entanto, o debate encontra-se apenas parcialmente explorado em relação à instrumentalização de narrativas historicistas politizadas no âmbito da crise dos refugiados.

Esse trabalho monográfico tem como objetivo geral a análise dos atos discursivos do premier húngaro no contexto da política migratória, para verificar se houve processo securitizador, bem como analisar a radicalização do partido de direita Fidesz no contexto da ascensão da extrema-direita na Hungria.

Torna-se essencial realizar uma contextualização histórico-geográfica húngara, uma vez que seu passado histórico e sua posição geoestratégica desempenham um papel crucial no atual debate securitário da região centro-europeia. Esse trabalho analisa os discursos do premier húngaro com base na análise histórica húngara, que determinaram a adoção de medidas de securitização referente ao fluxo migratório e que também contribuíram a uma alteração da natureza democrática do governo húngaro.

O objetivo empírico do projeto é o de realizar um estudo de caso sobre o processo de securitização unilateral das fronteiras húngaras em nome de uma defesa autoproclamada da integridade europeia, especialmente voltada à construção de uma barreira física, na forma de uma cerca, ao longo dos 175 quilômetros da fronteira entre Sérvia e Hungria, no verão de 2015.

Em relação ao objetivo teórico, o projeto contará com o embasamento na teoria da Escola de Copenhague sobre a securitização e suas etapas, buscando avaliar se houve um respeito pelos seus três estágios e seu possível êxito. Para tanto, os trabalhos de Barry Buzan, Waever e de Wilde serão contemplados, devido à sua importância no Instituto de Pesquisas de Conflitos e Paz (COPRI – *Conflict and Peace Research Institute*), ao fazer contribuições essenciais à reformulação dos conceitos de segurança. Este trabalho contará com o embasamento teórico que os livros *Security: a New Framework for Analysis* e *On Security* oferecem.

A estrutura textual do trabalho se divide em três capítulos: Capítulo 1 – Análise histórica da Hungria; capítulo 2 – embasamento teórico; capítulo 3 – análise empírica. No capítulo histórico, será feita a apresentação do contexto histórico da Hungria milenar, tendo como ponto de partida a Conquista da Pátria, em 896, e em seguida a fundação do Reino Húngaro Cristão, para então serem explorados alguns marcos históricos determinantes da cultura húngara, como as guerras otomanas, que culminaram na ocupação otomana. Será abordado o “trauma” nacional representado pela assinatura do Tratado de Trianon, que originou o chamado complexo de Trianon, e em seguida, será realizada a contextualização de alguns eventos pontuais ao longo do século XX, como o regime Horthyista, a Revolução de Outubro e a queda do muro de Berlim. Por fim, já no século XXI, considerando a entrada da Hungria na União Europeia, será apresentada a chegada ao poder do primeiro ministro Viktor Orbán, com a vitória de seu partido Fidesz nas eleições parlamentares de 2010. Neste contexto, será apresentado um histórico de medidas antidemocráticas e nacionalistas, tendo como ápice a crise dos refugiados em 2015.

No segundo capítulo, será apresentada a principal fonte de embasamento teórico para o trabalho que consiste na Teoria da Securitização de acordo com a Escola de Copenhague, e em seguida será abordada a Teoria do Trauma Coletivo de Jeffrey Alexander. Para que seja realizada uma contextualização em relação à ascensão do populismo com características da extrema-direita, serão apresentados o conceito de democracia iliberal, de Fareed Zakaria, para finalizar o capítulo com o conceito de populismo segundo Cas Mudde.

No terceiro capítulo, será analisada a Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo, e em seguida a militarização das fronteiras húngaras meridionais. A teoria do trauma cultural apresentada no segundo capítulo será utilizada para analisar a instrumentalização do complexo de Trianon no discurso de Orbán em ocasião do centenário de assinatura do tratado. O último tópico do capítulo trará a análise do corpus textual, composto de quatro discursos do premier, processado pelo software IraMuTeQ. Será feita uma análise de conteúdo destes discursos,

gerando um dendograma para que a visualização dos dados seja clara, e desta forma, seja possível analisar a frequência do uso de determinadas palavras cujo teor se enquadra em um discurso de caráter securitizador.

## 1. ANÁLISE HISTÓRICA DA HUNGRIA

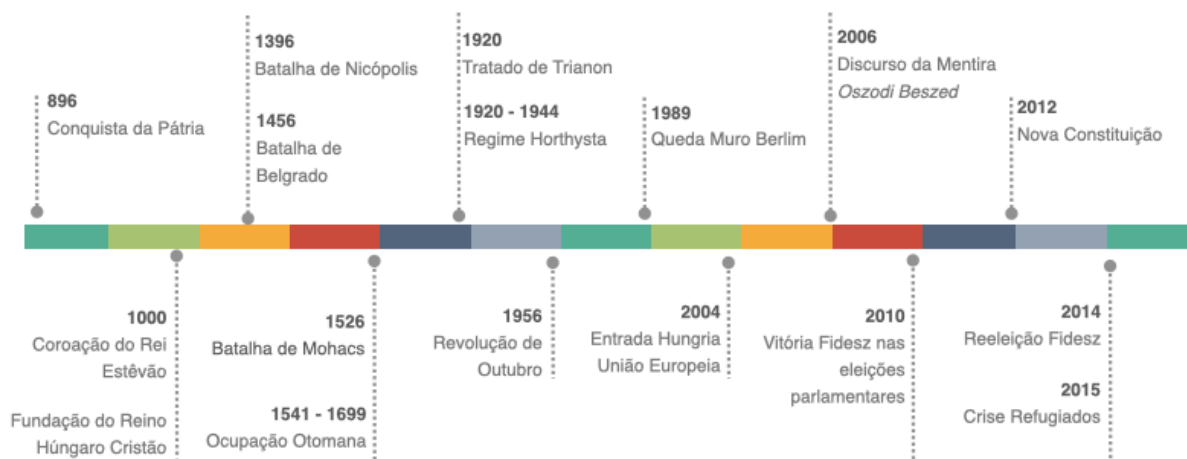
Neste capítulo será trabalhado o contexto histórico húngaro para melhor compreender a evolução de seus processos autoritários ao longo do tempo. O foco posterior, do qual será tratado no capítulo 3, é a radicalização do partido húngaro Fidesz e os discursos do primeiro-ministro Viktor Orbán.

Com o intuito de melhor compreender o populismo autoritário húngaro contemporâneo, uma profunda análise histórica faz-se necessária. Como será explorado mais adiante, o primeiro-ministro húngaro faz constantes alusões a eventos históricos marcantes em seus discursos que, para que possamos compreender a utilização de seu peso simbólico em um processo de securitização, primeiramente devemos nos aprofundar em alguns episódios da história húngara.

A linha temporal a ser abordada neste capítulo consiste em quatro tópicos: 1) Fundação do Reinado Húngaro; 2) Guerras Otomanas; 3) o Complexo de Trianon e a Hungria no século XX; 4) Chegada de Orbán ao poder: medidas antidemocráticas, nacionalismo e crise dos refugiados.

Dentro destes tópicos, serão encontrados os seguintes eventos para melhor compreensão da história húngara: Conquista da Pátria; a fundação do reinado cristão húngaro pelo rei István I (Santo Estevão); as investidas do império otomano contra o reino húngaro medieval; a Hungria tripartite; a expulsão dos turcos como resultado das guerras contra o Império Otomano ao longo dos séculos XVI e XVII. Todos estes episódios apresentam-se de extrema importância para a construção do conceito histórico de uma Hungria como “Bastião da Europa”. A importância da personagem histórica de destaque à qual se dedica o título do presente trabalho, János Hunyadi, será abordada no contexto das invasões turcas. Em seguida será abordado o período comunista na Hungria para que seja possível compreender a ambivalência húngara frente aos contrastes de sua história e sua tendência a buscar refúgio no passado. Estes marcos históricos podem ser visualizados na seguinte linha do tempo:



**Figura 1** - Linha do tempo da história húngara

Fonte: elaborado pela autora

Estes aspectos da história e memória coletiva húngara serão destrinchados devido à sua presença nos discursos do primeiro-ministro, sendo enfatizados para legitimar suas políticas em relação aos refugiados principalmente durante a crise de 2015.

### 1.1. CONQUISTA DA PÁTRIA E FUNDAÇÃO DO REINO HÚNGARO CRISTÃO

Desde a conquista dos Cárpatos pelas tribos magiares, a história da Hungria tem se condensado em torno da narrativa de uma nação pequena, que necessita constantemente guerrear pela sua sobrevivência, e esta herança histórica conflituosa dá o tom para o debate acerca da crise dos refugiados atualmente. Em 895, deu-se início ao que seria chamado de “Conquista da Pátria” (*magyar honfoglalás*<sup>1</sup>) liderada pelo guerreiro Árpád, com a ocupação de toda a bacia Cárpatos danubiana. O processo foi concluído no ano de 900 e a data reconhecida atualmente como marco histórico é o ano de 896, consistindo em um número especial para a cultura húngara ao longo de sua história. Após a Conquista da Pátria numerosas campanhas militares ocorreram, sendo 38 destas direcionadas a leste, lideradas por um exército imbatível por meio século e possuindo uma fama temível na Europa ocidental devido a suas pilhagens e crueldade. Ao experimentarem sua primeira derrota nas mãos de Otto I, em 955, as tribos magiares perderam força, e viram-se encurraladas devido à aliança entre Otto, imperador de Roma, e o Imperador bizantino Constantino Porphyrogenetos, forjada em 970. Deste modo,

<sup>1</sup> *Honfoglalás*, em húngaro, ocupação da pátria, pelas sete tribos magiares (Nyék, Megyer, Kurtgyarmat, Trjan, Jenó, Kér e Keszi).

as tribos húngaras foram forçadas a substituir sua sociedade tribal fragmentada por um Estado centralizado forte, tendo por base o Cristianismo.

Em 996, Vajk, bisneto de Árpád, batizado como Estevão (Istvan), casou-se com a princesa bávara Gizella, irmã do futuro imperador de Roma, Henrique II. Com isso, numerosos cavaleiros e monges germânicos deram início à evangelização da população. Com o objetivo de Estevão de completar a conversão do povo húngaro e, então, introduzir a Hungria no círculo de nações cristãs europeias, requereu ao Papa Silvestre II as insígnias régias, sendo coroado dia 25 de dezembro do ano 1000, transformando-se não apenas em um membro da comunidade de governantes cristãos europeus, mas também um dos soberanos do Império terreno cristão, exercendo seu poder não mais por direitos pagãos, mas “pela graça de Deus”. Com a coroação, ao contrário do príncipe tcheco e polonês, que se mantiveram vassallos ao Papa e ao Imperador germânico, o novo soberano húngaro manteve sua independência, conservando o direito de cunhar moeda, emanar leis e conceder propriedades, títulos e privilégios, consolidando, desta forma, a fundação do Reino Cristão da Hungria. O fundador do Estado húngaro foi canonizado pelo Papa Gregório VII, em 1083, estabelecendo o dia 20 de agosto, em comemoração de Santo Estevão. Dessa forma, percebe-se o legado histórico cristão presente há mais de um milênio desde os primórdios da civilização húngara, que irá exercer grande impacto sobre formação identitária do povo. (PAPO, PAPO, 2000, p.96)

O processo político húngaro que vem em marcha desde a chegada ao poder do partido de direita Fidesz - Partido da União Cívica Húngara (*Magyar Polgári Szovetség*), em 2010, provocando o assalto a instituições estratégicas que tradicionalmente servem de contrapeso ao poder executivo e como um mecanismo de controle, pode ser interpretado como um movimento na direção de uma nova conquista territorial por parte de Viktor Orbán sustentada pela poderosa maioria de dois terços de seu partido no parlamento húngaro.

## 1.2. GUERRAS OTOMANAS

A Batalha de Nicópolis, em 1396, representa o primeiro esforço militar conjunto entre tropas europeias ocidentais e forças turcas, dando início a 130 anos de confrontos entre o Reino da Hungria e o Império Otomano, concluindo-se apenas com a derradeira e traumatizante derrota húngara na Batalha de Mohács. Em 25 de setembro de 1396, cruzados de principados ocidentais uniram-se a tropas húngaras, valáquias e transilvanas para defender de forma inédita a Europa da influência otomana, nas planícies ao sul da cidade búlgara de Nicópolis. A partir de então, pode-se identificar a política antitúrca como uma constante na política externa húngara. O rei Mathias Corvinus, filho do grande personagem histórico János Hunyadi, foi um

dos regentes cuja prioridade consistia na contenção do avanço otomano nos Bálcãs, que era cada vez mais próximo às fronteiras húngaras, e na defesa do Cristianismo dos lendários inimigos muçulmanos.

O historiador húngaro, János Thuróczy, no século XV, ao escrever a obra mais extensa sobre o país - *Cronica Hungarorum* (Crônica dos Húngaros) - apresenta-nos János Hunyadi como descendente de uma nobre família da Valáquia, cuja mãe sendo bizantina, era descendente de uma família imperial da Roma antiga. Estabelece-se a hipótese de que János Hunyadi seria filho ilegítimo do rei Sigismundo de Luxemburgo, existindo inclusive uma lenda segundo a qual o rei Sigismundo teria presenteado a mãe de János com um anel, comprovando sua origem nobiliárquica. Hunyadi, sendo oficialmente o filho de um dos fíeis cavaleiros do rei Sigismundo, foi criado na corte do rei, transformando-se em um soldado de grandes habilidades. Ao destacar-se por sua bravura à frente dos exércitos húngaros na luta contra os otomanos, foi generosamente recompensado com numerosos títulos e terras por Albert von Habsburg e Wladyslaw I. János foi posicionado por Alberto I na defesa das fronteiras meridionais do reino e, em virtude de sua valentia enquanto estrategista militar, recebeu o título de *bán*<sup>2</sup> de Szorény (1439), em seguida recebeu título de *voivoda*<sup>3</sup> da Transilvânia e ainda *fő ispán*<sup>4</sup> de Temes (1441) (PAPO, 2000, p. 195).

Apesar de não conseguir consolidar seu objetivo de expulsar definitivamente os turcos da Europa, Hunyadi conseguiu garantir a segurança das fronteiras húngaras meridionais pelas sete décadas seguintes com a sua mais memorável vitória durante o cerco de Belgrado. Conhecida pelos húngaros como Nándorfehérvár, a capital da Sérvia testemunhou uma vitória húngara inesperada sobre 150 mil soldados turcos acompanhados de 300 canhões e 200 navas, graças a János Hunyadi, que realizou sozinho a organização da defesa de um modesto exército de mercenários e cruzados dia 14 de julho de 1456, contra as forças do sultão Maomé II. Pode-se verificar o impacto desta vitória para a cristandade europeia a partir da ordem dada pelo Papa Calisto III para que os sinos de todas as igrejas soassem ao meio-dia (hábito presente até os dias atuais) em sinal de júbilo e gratidão pela vitória cristã sobre o islamismo em Belgrado (PAPO,

Setenta anos após a extraordinária defesa de Nándorfehérvár, a Europa presenciaria um episódio que alteraria a balança de poder na Europa definitivamente, mudando o rumo da história do reino húngaro medieval. A situação interna da Hungria no período era caótica, com

---

<sup>2</sup> Título nobiliárquico histórico no Reino Húngaro concedido a senhor de terras cujo controle é exercido sobre território situado em reino estrangeiro.

<sup>3</sup> Palavra eslava para designar comandante militar, significando “senhor de guerra”.

<sup>4</sup> Palavra húngara para designar o líder de uma fortaleza e das terras que a circundam.

um rei cuja fraqueza fortaleceu os privilégios da nobreza, enfraquecendo a economia e consequentemente o exército. O rei Vladislao II fora colocado no trono pela nobreza com o intuito de garantir que o país contaria com um soberano fraco, pois ia de encontro a quaisquer demandas da nobreza, presenteando-lhes vários estados reais para sua satisfação. Deste modo, a Coroa encontrou-se profundamente endividada, obrigando a redução de despesas com a defesa fronteiriça. A esta situação precária adicionou-se o jugo sofrido pelos camponeses nas mãos da nobreza, estabelecendo aumento de impostos e leis discriminatórias, o que fez estourar uma revolta camponesa em 1514. A revolta foi brutalmente esmagada e em seguida à morte do rei Vladislao II, chega ao trono o rei Lajos II, um regente jovem, fraco e inexperiente. O contexto de confusão interna e fraqueza externa possibilitou que o império otomano tirasse proveito, testando constantemente a porosidade das fronteiras meridionais, ocupando já em 1521 fortalezas como as de Szabács e Sirmia sem grandes esforços.

Os otomanos haviam construído um império de 14 milhões de habitantes, incluindo os Bálcãs, Anatólia, Oriente Médio, Mesopotâmia e o Egito, e encontravam-se bloqueados pelo Império Persa a leste, voltando-se a oeste, na direção húngara. Dois embaixadores enviados a Buda por parte do sultão Suleiman, o Magnífico (*Kanuni*) foram detidos e enviados ao cárcere. Além disso, um fator para justificar a escala de tensões consiste no cenário internacional europeu, em que o imperador do Sacro Império Romano, Carlos V, possuía ambições expansionistas na direção francesa. Com batalha de Pavia, dia 24 de fevereiro de 1525, confrontaram-se o Sacro Império Romano e o Reino da França, o rei da França Francisco I foi derrotado e feito prisioneiro em Madri. O sultão atendeu, então, aos apelos de Francisco I para que o Império Otomano contivesse os avanços de Charles V, e para tal necessitava abrir caminho passando pela Hungria já enfraquecida. Esse fato que reforçou a inimizade de Suleiman contra Charles V, tornando-o mais suscetível às demandas do regente francês, foi o tratamento dispensado à população muçulmana na região conhecida como Al-Andalus (Espanha, Portugal e em algumas regiões da França) devido ao estabelecimento da inquisição.

No dia 23 de abril de 1526, o exército otomano liderado pelo próprio sultão partiu de Constantinopla chegando dia 29 de agosto em Mohács, o local do confronto decisivo. A discrepância entre as forças militares eram abismais: o exército turco contava com cerca de 80 – 100.000 soldados e 300 canhões. O exército húngaro por sua vez, contava com um exército de apenas 25 – 30.000 homens, composto em sua maioria por nobres e clérigos. Em menos de 2 horas o exército húngaro foi aniquilado, contando com 15 mil mortos no campo de batalha, 28 barões e 7 clérigos mortos, além de uma centena de membros da nobreza (PAPO, 2000, p. 229). Em sua fuga desesperada do campo de batalha, o rei Lajos II afogou-se no rio Csele, um

pequeno rio afluente do Danúbio, e dessa forma o exército turco marchou desimpedido até Buda (PAPO, PAPO, p.229).

Mohács colocou um ponto final em uma sequência de 130 anos de guerras contínuas, desde a batalha de Nicópolis, trazendo duras consequências para a Hungria e a Europa. A potência medieval húngara desmoronou, tendo o fim de sua independência decretado em 29 de agosto de 1526. Além da perda definitiva do status de baluarte da Cristandade na Europa, os Turcos garantiram seu ingresso na política centro-europeia. Com a derrota, a dinastia Habsburgica e os Turcos estabeleceram-se na bacia dos Cárpatos, ao dividir a Hungria em três partes, dando início a um longo período de 150 anos de regime tripartite húngaro. O ditado húngaro “*Tobb is veszett Mohácsnál*” em tradução livre “maiores foram as perdas em Mohács” data de 1526, em referência à desastrosa Batalha de Mohács (PAPO, 2000, p. 233).

Com a derrota de Mohács, o Reino da Hungria foi dividido em três partes, tendo a capital húngara Buda sob o domínio turco pelos seguintes 150 anos. Na parte setentrional e ocidental foi estabelecido o domínio Habsburgo sobre o que passou chamar-se “Hungria Real”; na parte central houve a ocupação do Império Otomano, que instalou em Buda um *pashià* turco; a parte oriental foi incorporada ao Principado da Transilvânia. Nos anos seguintes, os turcos estenderam seu território de ocupação desde Nándorferhérvár, ao sul, até Buda central, estabelecendo-se no correspondente a aproximadamente 40 % do território húngaro precedente, e incorporando-o como parte orgânica do Império Otomano.

Durante a ocupação efetiva otomana entre 1541 a 1699, cidades e vilarejos foram destruídos e mesquitas, minaretes, sepulcros, tavernas e termas foram construídas. Houve também grande impacto na proporção étnica da população húngara. Antes da Batalha de Mohács, os *magyars* totalizavam 75 – 80 por cento da população, ou seja, 3, 5 a 4 milhões, ao passo que no ano de 1600, a população de *magyars* estava estimada em apenas 2 milhões.

O autor e jornalista húngaro Paul Lendvai, em seu livro *The Hungarians, A Thousand Years of Victory in Defeat*, ressalta o período de administração otomano como de extração máxima de recursos territoriais, além de tal ocupação ter representado a criação de um Estado tampão entre o Império Otomano e os Estados europeus:

*Pope Pius II described Hungary as "the bulwark and shield of Christianity". Now, however, this Central European great power, for almost 150 years a brake on Turkish expansion and the spearhead in the Balkans of resistance to Ottoman rule, became a no-man island before the gates of Vienna, as well as a battlefield for the constant struggle between Habsburgs and Ottomans and its alternating fortunes (LENDVAI, 2014, p. 94).*

Em 1686 foi estabelecido um exército de 80.000 homens sob o nome de Liga Santa, formada com o apoio do Papa Inocêncio XI, tomando Buda, e derrotando os turcos. Com o Tratado de Karlóca, assinado em 1699, todo o território otomano foi revertido à coroa húngara, com exceção de Temesvár, que foi liberada em 1718. Deste modo, colocou-se um fim a cerca de 150 anos de domínio turco.

### 1.3. O COMPLEXO DE TRIANON E A HUNGRIA NO SÉCULO XX

O presente capítulo não se propõe a realizar um compendio histórico húngaro, mas sim se debruçar sobre os episódios cruciais da história húngara que são recorrentemente citados pelo primeiro-ministro Viktor Orbán em seus discursos, promovendo uma instrumentalização da consciência histórica e memória coletiva do povo húngaro. Para tanto, trataremos a seguir de um tema recorrente não apenas nos discursos de Orbán, mas também frequentemente explorado pela extrema-direita húngara, representada pelo partido Jobbik, “Movimento por uma Hungria Melhor” (em húngaro, *Magyarországért Mozgalom*): o Tratado de Paz de Trianon, assinado pela Hungria em 4 de junho de 1920, em Versalhes.

Com a dissolução do Estado multinacional do Reino da Hungria, com o fim da Dúplice Monarquia, em 16 de novembro de 1918, foi proclamada a autônoma e independente República da Hungria. Isso foi possível devido ao apoio das potências da Entente às aspirações independentistas e autonomistas das minorias étnicas que compunham a Monarquia Austro-Húngara. Budapest havia sempre adotado uma política de assimilação em relação às minorias nacionais, mas como o Reino da Hungria fazia parte dos Estados derrotados durante a Segunda Guerra Mundial, as negociações de paz aconteceram no Palácio de Petit Trianon entre os aliados vitoriosos e as forças derrotadas. Apesar da oposição do diplomata húngaro Albert Apponyi, que liderou a negociação húngara nas negociações de paz, chegando a propor a realização de um *referendum* acerca do Tratado nos territórios em questão, foi assinado o Tratado de Paz que viria a ser considerado a “certidão de óbito do reino milenar de Santo Estevão” (LENDVAI, MAJOR, 2003, p. 373).

O tratado assinado em Petit Trianon estabeleceu o que veio a ser citado pelos líderes seguintes da República da Hungria assim como em recorrentes discursos de Orbán como “a maior tragédia nacional”. A identidade nacional húngara sofreu grave abalo e indelével trauma ao perder dois terços de seu território (67,3% do território nacional) e 58,4% de sua população. Dos 283.000 km<sup>2</sup> e 18 milhões de habitantes da Hungria “histórica”, o novo Estado húngaro passou a ser constituído apenas de 92.000 km<sup>2</sup> e de 7 milhões de habitantes. 36,2% do território húngaro passou à Romênia; 22,3% passou à Tchecoslováquia; 7,4% ao novo Estado da

Iugoslávia, e 1,4% foi dado à Áustria (PAPO, PAPO, 2017, p. 421). Devemos atentar ao fato de que o Estado novo húngaro formado após o Tratado de Trianon tornou-se etnicamente mais homogêneo, porém quase 1/3 de da população étnica húngara encontrou-se fora das novas fronteiras estipuladas.

Com o desmembramento de 2/3 de seu território, a Hungria sofreu graves perdas de recursos naturais e agrícolas, além de receber um duro golpe em sua rede de infraestrutura. Houve perda de 2/3 da sua rede ferroviária, suas fábricas tornaram-se superdimensionadas por estarem habituadas à produção de manufaturados para um mercado interno três vezes maior, criando uma dependência econômica húngara antes inexistente. Grande parte das minas de ouro, prata, cobre, manganês, zinco, e dos poços de petróleo e de gás natural foram perdidos, além da perda do acesso ao mar, com a perda do porto da cidade de Fiume, tornando-se um país sem costa marítima (PAPO, PAPO, 2017, p. 421). Localidades importantes para a identidade nacional húngara, viram-se fora das novas fronteiras, como foi o caso da incorporação da Transilvânia à Romênia.

A questão revisionista ganhou força imediatamente após a assinatura do Tratado de Trianon e foi neste período em que foram formulados *slogans* cujos resquícios podemos identificar ainda hoje no debate público, seja manipulado pelo partido conservador Fidesz, ou pelo partido de extrema-direita Jobbik. Entre os anos 1920 – 1944 a base da política externa húngara constitui-se da reivindicação dos territórios com maiorias étnicas húngaras, e o revisionismo tronou-se a fundação ideológica do regime entre guerras de Miklós Horthy, regente do Reino da Hungria. Como econômica e militarmente a Hungria encontrava-se frágil em relação aos seus vizinhos, reivindicava os territórios perdidos por meios pacíficos, encontrando apoio para a causa revisionista junto às potências revisionistas de Mussolini e Hitler. Foi durante a regência de Horthy que seu primeiro-ministro, István Bethlen, concluiu um tratado de amizade com a Itália de Mussolini, em 1927, para assim obter apoio para a revisão do tratado de Trianon, nascendo na Hungria, a “Liga para a Revisão das Fronteiras” (em húngaro, *Magyar Revizió Ligája*), antecipando a orientação filo-germânica que se daria em 1938. Na Hungria formou-se o partido neonazista *Nyilaskeresztes Párt*, e uma rápida ascensão nazista, fazendo com que o governo húngaro se alinhasse à Alemanha, também promulgando leis raciais antisemitas. Desta aproximação ao nazismo e fascismo a Hungria conseguiu obter a temporária revisão das fronteiras estabelecidas pelo tratado de Trianon entre 1938 e 1941, reavendo metade de suas fronteiras perdidas, graças, sobretudo, à Alemanha nazista, e ao aprofundamento da subordinação húngara ao Terceiro Reich. Com a derrota nazista na Segunda Guerra Mundial as fronteiras do tratado foram restabelecidas e, além disso, outros três

municípios na Bratislava foram perdidos para a Tchecoslováquia, com a assinatura do Tratado de Paris em 1947. (PAPO, PAPO, 2017, p.423).

O regime de Horthy pode ser considerado um ancestral histórico semiautoritário do populismo autoritário de direita em que Orbán busca uma legitimação histórica, usando interpretações em relação ao período horthysta como analogia. A Hungria neste período era semiautoritária, com um Parlamento multipartidário ativo, mas com restrições significativas nas liberdades civis. Houve uma criação de uma comunicação política populista para criar inimigos políticos permanentes, principalmente os judeus, e mantendo viva a síndrome de Trianon. Desta forma, ocorre a instrumentalização da história húngara para buscar uma legitimação política.

Com a perda da Segunda Guerra por parte da Alemanha nazista, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas incorporou o país ao bloco soviético a partir de 1945, integrando-o pelas próximas quatro décadas e meia. O país viveu períodos muito conturbados de insurreição contra Moscou, como foi o caso da Revolução de Outubro em 1956, que será posteriormente abordada. A Hungria se verá livre do regime soviético com a queda do Muro de Berlim em 9 de novembro de 1989, que desencadeou grandes mudanças na parte leste do continente europeu, sendo proclamada a terceira república húngara. A última década do século XX trouxe grandes mudanças como as primeiras eleições democráticas e multipartidárias húngaras logo no ano de 1990, e a entrada da Hungria na OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte, em 1999. Em 2004 a Hungria foi incorporada à União Europeia ao participar do quinto alargamento do bloco.

#### **1.4. A CHEGADA DE ORBÁN AO PODER: MEDIDAS ANTIDEMOCRÁTICAS, NACIONALISMO E CRISE DOS REFUGIADOS**

Para a melhor compreensão do cenário político húngaro durante o governo de Viktor Orbán, iniciando-se em 2010, faz-se necessária uma análise histórica acerca de seu partido político, Fidesz, desde sua fundação durante a desagregação do Partido Comunista. A história do primeiro-ministro está intrinsecamente relacionada ao sucesso e à evolução política do partido.

A organização independente, fundada em 30 de março de 1988 pelo então estudante Viktor Orbán, iniciou reunindo a juventude reformista e radical húngara, sob o nome de Aliança dos Jovens Democratas (em húngaro, *Fiatal Demokraták Szovetsége*) – Fidesz. O partido ganhou popularidade após o discurso midiático de Orbán na Praça dos Heróis, em junho de



1989, um ano de transição da ditadura comunista à democracia. Seu discurso demandava democracia e independência para a Hungria, fazendo alusão aos ideais da revolução de 1956:

*If we are determined enough, then we can compel the ruling party to face free elections. If we have not lost sight of the ideas of 1956, we will vote for a government that will at once enter into negotiations on the immediate beginning of the withdrawal of Russian troops. If we are courageous enough, then, but only then, we can fulfill the will of our revolution* (LENDVAI, 2017, p. 8).

Nesta época, Orbán era a expressão de uma linhagem política liberal, ao liderar um movimento jovem de contestação do socialismo. No entanto, o discurso otimista em relação à integração europeia foi substituído pelo posicionamento pessimista e conservador em favor de um retorno ao passado.

Orbán atuou como membro do Parlamento entre 1990 e 1994, tornando-se primeiro-ministro em julho de 1998. O partido Fidesz perde as duas eleições seguintes, ou seja, as eleições de 2002 e 2004, para a aliança formada pelo Partido Socialista Húngaro (*Magyar Szocialista Párt – MSZP*) e o Partido Húngaro Liberal – Aliança dos Democratas Livres (*Szabad Demokraták Szovetsege – Magyar Liberális Part – SZDSZ*) (LENDVAI, 2017, P.21).

O grande escândalo que tirou a credibilidade do Partido Socialista Húngaro e de seu líder Ferenc Gyurcsány, conseqüentemente enterrando a esquerda húngara e liberando o caminho para a direita nacional conservadora de Orbán, ficou conhecido como o “Discurso da Mentira” (*Oszod beszéd*, em húngaro). Em setembro de 2006, trechos de um áudio vazado em uma reunião do Partido Socialista revelava o primeiro-ministro recentemente reeleito admitindo a incompetência de seu partido, afirmando que “não seria possível nomear uma única medida de que se orgulhava durante os últimos quatro anos” e o recurso sistemático a mentiras ao admitir que “fingia estar governando”. Viktor Orbán deu início a uma campanha contra o governo de Gyurcsány, publicando uma série de artigos no jornal conservador *Magyar Nemzet* (nação húngara, em português) atacando a legitimidade do governo e estimulando um movimento de protesto chamado “*Good morning, Hungary*”, exigindo a sua renúncia. Viktor Orbán liderando a oposição utilizou-se da retórica de vitimização do povo húngaro frente ao “governo de mentiras” vigente. (LENDVAI, 2017, p.66)

Com esta ofensiva política e midiática em larga escala, a aliança socialista democrata desintegrou-se apesar do triunfo eleitoral em abril de 2006, levando a uma radicalização do cenário político húngaro. Orbán convidava milhares de manifestantes a reunir-se diariamente na praça Kossuth em frente ao Parlamento, culminando em protestos violentos, que terminaram por minar a confiança nas instituições democráticas, devido à instrumentalização política de uma retórica antigoverno.

Em 2010, a vitória esmagadora de Fidesz ao obter mais de dois terços das cadeiras do parlamento (68%), um total de 263 cadeiras, mostrou-se um divisor de águas para a Hungria, possibilitando a alteração da constituição, ao obter a “maioria constitucional”. Neste estudo o recorte temporal analítico consiste no período desde a chegada ao poder do partido de Orbán, com as eleições parlamentares em abril de 2010, até o primeiro semestre de 2020.

Logo após a chegada ao poder do partido de Orbán, em 2010, foram feitas duas propostas de lei no Parlamento: Proposta para celebração do “Dia da Solidariedade e Unidade Nacional” no dia 4 de junho, na mesma data de assinatura do Tratado de Trianon 90 anos atrás, na primeira sessão parlamentar após a vitória do partido, sendo aprovado como feriado nacional oficial desde então. Esse projeto de lei faz referência à noção de “unidade nacional” (*nemzeti összetartozás*), baseando-se na ideia de pertencimento a uma única comunidade nacional por parte de todos os indivíduos de etnia húngara que vivem dentro do território húngaro e principalmente no exterior. Esta ideia, previamente explorada em discursos políticos, passou a ganhar respaldo na legislação ao ser aprovada uma emenda à lei de cidadania em 2011, garantindo o direito à naturalização automática aos indivíduos etnicamente húngaros que não possuíam residência em território húngaro, conferindo, assim, o direito ao voto em eleições parlamentares húngaras, como ocorreu pela primeira vez na história da Hungria nas eleições parlamentares de 2014. Deve-se salientar que este novo eleitorado apoiou maciçamente o partido Fidesz nas eleições de 2014, totalizando 95%, e contabilizando 10% do eleitorado atual húngaro, formando uma fiel base de apoio à agenda nacionalista de direita do partido. A fórmula de uma unidade cristã nacional dos húngaros independentemente de fronteiras ou supostas reações hostis internacionais foi expressa no Manifesto da Cooperação Nacional, no preâmbulo da declaração parlamentar ao ser proclamado o feriado nacional em 4 de junho, e na nova Constituição adotada em 2012. Este assunto será retomado com maior profundidade no terceiro capítulo (LENDVAI, 2017, p.89).

Orbán pôs em ação uma redefinição dos colégios eleitorais, de modo a favorecer o seu partido, redesenhando os mapas eleitorais, num fenômeno conhecido como *gerrymandering*, mudando o sistema eleitoral. Os distritos parlamentares foram redesenhados, pois distritos considerados bastiões liberais - como Budapeste e Szeged - foram divididos para que fossem diluídos em vários menores distritos parlamentares, enquanto os distritos na parte agrária do país, historicamente conservadora, foram diminuídos, e assim os eleitores conservadores ganhassem mais força.

Além disso, houve mudanças na Corte Constitucional do país, responsável por determinar quais leis aprovadas pelo Parlamento são constitucionais, garantindo sua

constitucionalidade. O número de componentes foi aumentado de 8 para 15, dentre os quais 7 assentos foram preenchidos por juízes nominados por Orbán e fiéis ao seu partido. Ao executivo foram atribuídos poderes de nomeação e exoneração dos juízes da Corte, limitando seus poderes, além de promover a aposentadoria forçada dos juízes acima de 62 anos, para que seus assentos fossem preenchidos por juristas favoráveis ao governo de Orbán.

A liberdade de imprensa encontra-se gravemente ameaçada na Hungria, com o ataque à mídia privada, exercendo pressão sobre corporações midiáticas privadas para a realização de vendas a oligarcas conectados ao partido de Orbán ou ao poder estatal. Houve a implementação de leis repressivas, impondo multas punitivas a alguma “incongruência” no conteúdo veiculado na mídia, em relação aos valores do governo. A lei de controle da mídia adotada em 20 de dezembro de 2010 determinou que os três canais de televisão públicos (M1, M2 e Duna-TV) junto com as três emissoras de rádio nacionais e a agência de imprensa oficial fossem reunidos debaixo do guarda-chuva do novo *Media Services and Support Trust Fund* (LENDEVAI, 2017, p. 115).

Como o foco do estudo é a análise da elaboração discursiva em torno da chamada crise dos refugiados, que acirrou os ânimos da Europa no outono de 2015, antes de promover um aprofundamento do episódio faz-se necessário frisar a relevância do papel desempenhado por refugiados na história húngara dos últimos 60 anos.

Após a revolução de 1956, duramente reprimida pelos tanques soviéticos em plena Guerra Fria, cerca de 200 mil húngaros fugiram para a vizinha Áustria. A revolução de outubro iniciou-se como uma manifestação estudantil pacífica em 23 de outubro de 1956, transformando-se em uma batalha sangrenta na capital devido à intervenção do exército soviético. Formou-se um *front* unificado contra o poderio soviético sob a liderança do comunista reformista Imre Nagy junto com conselhos de trabalhadores formados nas fábricas e partidos democráticos reorganizados durante os anos de 1945 e 1949. A revolta foi esmagada entre 4 e 11 de novembro de 1956, sendo colocado no poder o líder János Kádár, instaurando o regime de 32 anos e com ele o modelo húngaro de ditadura chamado de “kádárismo”.

Pouco mais de 30 anos após a revolução de outubro a Hungria exerceu um papel fundamental ao remover a cerca na sua fronteira austríaca, deixando um buraco na Cortina de Ferro que cortava a Europa durante a Guerra Fria. No dia 11 de setembro, as restrições de viagem à Europa ocidental foram removidas, permitindo que dezenas de milhares de alemães orientais deixassem a *Deutsche Demokratische Republik* para encontrarem asilo a oeste, cruzando a fronteira entre Hungria e Áustria.

No verão europeu de 2015, a Hungria se viu no centro da crise dos refugiados ao longo da “rota balcânica”. Na rota balcânica, milhares de desalojados atravessaram a Turquia, a Grécia, a Macedônia e a Bulgária até alcançarem a fronteira entre a Servia e a Hungria, concentrando-se na cidade fronteiriça de Subotica para uma vez atravessada a fronteira, conseguir ingressar na Europa. A Hungria não consistia em um país de destinação, mas sim, um país de trânsito, para que, atravessando a Áustria, os deslocados pudessem chegar ao país mais almejado, a Alemanha. Este estudo se concentrará na decisão por parte de Viktor Orbán em fechar a fronteira húngara sul, bloqueando a rota balcânica ao erigir uma barreira metálica de 175 km na fronteira servo-húngara, replicando-a na fronteira húngara com a Croácia, que também consistia em uma passagem relevante nos Balcãs.

Em setembro de 2015, no ápice da crise, ativistas da extrema-direita juntaram-se na estação de trem Keleti, em Budapest, empunhando a bandeira da dinastia Arpád, que foi utilizada pelo nazista Partido da Cruz Flechada, sendo associado ao reino do terror instaurado na Hungria entre 1944 e 1945.

O embate entre Hungria e União Europeia se acirrou quando, em 2015, foi lançado um plano de realocação de imigrantes e refugiados com o intuito de aliviar a pressão sobre a Grécia e a Itália, onde o fluxo era maior. 160 mil requerentes de asilo seriam realocados entre os países membros da União Europeia, de acordo com a dimensão e riqueza de cada país. No entanto, Romênia, República Tcheca, Eslováquia e Hungria votaram contra a medida de imposição de quotas compulsórias.

A campanha governamental anti-imigração causou forte impacto na esfera pública húngara e na mídia, em que mensagens agressivas eram veiculadas com conteúdo xenófobo e racista, alcançando seu ápice com o bloqueio da fronteira húngara, desempenhando um importante papel para a concretização de uma passagem na direção de uma “iliberalização” da democracia húngara.

Mapa 2 - Fronteiras da Europa Cristã, 2018



Carta di Laura Canali, 2018

**Fonte:** Limes – Revista Italiana de Geopolítica. <https://www.limesonline.com/rubrica/lungheria-anti-migranti-orban-demografia-cristiana-europa?prv=true>. Acessado em: 20 set 2020.

Para termos uma visão completa da questão migratória húngara, deve-se analisar seu contexto geográfico. A sua localização geográfica e status de país membro da União Europeia desde 2004 atuam como fatores de atração para imigrantes tanto de países vizinhos como de países que atravessam crises humanitárias, como foi o caso da Síria no verão de 2015, consistindo no país que mais produziu refugiados e imigrantes durante a guerra civil que teve início em 15 de março de 2011, e encontra-se ainda em andamento.

A Hungria ingressou no bloco europeu com o quinto alargamento da União Europeia, ocorrido em maio de 2004. O alargamento histórico incluiu dentro das fronteiras europeias dez novos países, aumentando para 25 o número de países membros. Após o longo processo de adesão, houve uma reunificação de uma Europa dividida por meio século pela cortina de ferro da Guerra Fria, formando um bloco político e econômico que inclui três ex-repúblicas soviéticas (Estônia, Letônia e Lituânia), quatro ex-Estados satélites soviéticos (Polônia,

República Tcheca, Eslováquia e Hungria), além da ex-república iugoslava (Eslovênia) junto com duas ilhas mediterrâneas (Chipre e Malta). Com isso, um trecho da fronteira húngara forma a nova fronteira externa da União Europeia alargada, colocando-a entre os países principalmente de trânsito para fluxos migratórios (EU-Lex, 2007).

## 2. EMBASAMENTO TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar as bases que servem de arcabouço teórico para sustentar a pesquisa acerca do processo de securitização da crise dos refugiados na Hungria. Para tanto, serão exploradas de forma mais aprofundada em um primeiro momento a teoria da securitização da Escola de Copenhague e a teoria do trauma coletivo de Jeffrey Alexander. Em seguida, serão elucidados os conceitos de populismo de Cas Mudde, de democracia iliberal de Fareed Zakaria.

O capítulo irá demonstrar as ligações entre as duas teorias principais de Buzan e Alexander, promovendo a demonstração da complementação entre o processo de securitização societário e suas etapas com as do processo de criação e formação da significação de um trauma coletivo dentro de uma sociedade.

### 2.1. ESCOLA DE COPENHAGEN

O capítulo teórico terá início a partir da teoria da securitização, que se configura de máxima importância para o presente trabalho, consistindo em sua principal base de sustentação.

A Escola de Copenhague, representada por Buzan, Waever e De Wilde (1998), repensa a noção de segurança através dos conceitos apresentados como “securitização” e “dessecuritização”, contribuindo para a redefinição da agenda dos estudos de segurança.

A obra de Barry Buzan, Ole Waever e Jaap De Wilde intitulada “*Security, a New Framework For Analysis*”, publicada em 1998, propõe-se a abordar estudos securitários em modo alternativo, deslocando o seu foco na primazia do elemento militar e estatal na conceitualização da segurança, deslocando o debate na direção de um alargamento da agenda securitária atribuindo um “*security status*” a questões pertencentes aos setores econômicos, ambientais e sociais, além do setor político-militar tradicional, conhecido também como estudos estratégicos. Como explica Waever (1998, p. 27), o conceito de segurança considerando o entendimento político militar dentro do contexto da segurança internacional diz respeito à sobrevivência, e uma questão será apresentada como sendo uma ameaça existencial a um objeto referente designado por um determinado agente, intitulado ator securitizante.

Dentro do quadro estipulado pela Escola de Copenhague para analisar o processo de securitização assim como seu processo inverso, destaca-se a identificação de cinco categorias securitárias, cada uma contendo seus respectivos objetos de referência. Deste modo, a Escola de Copenhague apresenta uma inovação na abordagem dos estudos securitários promovendo

uma análise multissetorial securitária ao incorporar quatro componentes não-militares às categorias securitárias. Além de propor uma inovação setorial, ocorre um aprofundamento analítico ao considerar atores não-estatais.

O quadro analítico desenvolvido pela Escola de Copenhague para o estudo de segurança auxilia na compreensão da abordagem do Primeiro-ministro húngaro em relação à crise migratória ao empregar termos com “ameaça existencial” e “medidas emergenciais” que servem de base para a compreensão do processo securitizador. Uma ameaça à existência de um objeto de referência justifica o uso de medidas extraordinárias para que seu enfrentamento se torne possível, promovendo, assim, uma legitimação do uso da força. Deste modo, o ator securitizante, que na maior parte das vezes é o Estado, obtém o ambiente propício para a mobilização de poderes e recursos especiais. Há a possibilidade até mesmo que ocorra a configuração de condições propícias à perseguição de oponentes políticos, assim como uma restrição do papel das instituições democráticas, possibilidade esta que se demonstrou extremamente sólida no governo de Viktor Orbán.

Para que possamos compreender o conceito de “ameaça existencial” dentro do modelo securitizante, devemos entender que a natureza da ameaça existencial varia de acordo com cada setor que caracteriza as categorias de segurança, cujo objeto referente encontra-se sob ameaça. O objeto referente do setor militar constitui o Estado ou algumas de suas entidades políticas, ou então a própria existência de suas forças armadas. Já no setor político, a soberania nacional ou uma ideologia que sustenta o Estado, ou até mesmo a integridade ou estabilidade do sistema político são os objetos referentes cujas existências encontram-se sob ameaça. Quando se aborda a segurança econômica, o objeto sob ameaça consiste na economia nacional e sua capacidade de desenvolvimento e prosperidade. Ao se falar de segurança ambiental, os objetos referentes podem variar desde a preservação de espécies em risco de extinção, tipos de habitats, até a manutenção do meio ambiente planetário. Por último, abordaremos a segurança societária, que ao identificar uma ameaça existencial a uma determinada identidade coletiva (objeto referente) nos situa dentro do contexto político-securitário que se estabeleceu especialmente durante a crise dos refugiados em 2015 na Hungria.

A segurança societária abrange conceitos voláteis cujas barreiras são de difícil definição. Tendo como objeto referente identidades coletivas de larga escala, como “nação” ou “religião”, que independem de um Estado, torna-se difícil estabelecer com objetividade a presença real de uma ameaça existencial (BUZAN et al, 1998, p. 23). O conceito de “identidade” pode sofrer mudanças e evoluções, sendo moldado de acordo com eventos históricos de extrema relevância à memória coletiva de uma determinada sociedade, porém, a



forma de interpretação de tais mudanças por parte da coletividade pode variar. Dentro do processo securitizante, o ator securitizante será responsável por apresentar os desenvolvimentos tanto internos quanto externos de uma identidade coletiva como ameaças à manutenção e reprodução de uma língua comum, de padrões comportamentais, bem como a pureza étnica de tal grupo societário. Logo, “ *whether migrants or rival identities are securitized depends upon whether the holders of the collective identity take a relatively closed-minded or a relatively open-minded view of how their identity is constituted and maintained*” (BUZAN et al, 1998, p. 23).<sup>5</sup>

A questão da segurança societária no caso húngaro encontra-se fortemente entrelaçada com o ressurgimento do nacionalismo étnico europeu. Os fundadores da União Europeia, Robert Schuman e Jean Monnet, ao criarem a Comunidade Europeia do Aço e Carvão (CECA), deliberadamente tentaram enfraquecer identidades nacionais dos Estados-membros em favor de uma consciência europeia pós-nacional que, por sua vez, se transformaria em um antídoto ao nacionalismo étnico que desencadeara as duas guerras mundiais (FUKUYAMA, 2018, p. 143). Atualmente, com a crise instalada<sup>6</sup> dentro da União Europeia, um dos maiores desafios à integridade europeia colocados às portas do bloco materializou-se com a chegada dos refugiados às costas marítimas europeias do mediterrâneo, e suas consecutivas rotas terrestres rumo aos países do norte europeu.

De acordo com a filósofa húngara Agnes Heller, o governo de Victor Orbán é a expressão do nacionalismo étnico europeu combatido pelos pais fundadores da União Europeia. Este etno-nacionalismo encontra seus alicerces no ressentimento popular em relação aos estrangeiros imigrantes que se encontram dentro da Hungria, sendo vistos como portadores de uma cultura diferente e hostil, predominando o temor em relação a identidades estranhas à húngara, vistas como “identidades rivais”. Além do inimigo estrangeiro personificado no requerente de asilo, cuja cultura seria essencialmente incompatível àquela húngara, a política migratória europeia “permissiva” e liberal foi apresentada como uma segunda ameaça à homogeneidade da sociedade húngara (HELLER, 2019). Logo, há a apresentação de uma ameaça existencial a um objeto referente, dentro do setor societário.

---

<sup>5</sup> Tradução livre: “a securitização da questão migratória ou de identidade rival, dependerá do quão aberta ou conservadora é a visão dos detentores da identidade coletiva em relação à constituição ou manutenção de sua identidade.”

<sup>6</sup> Crise iniciada com a crise financeira dos *subprimes*, devido à falência do banco de investimento Lehman Brothers, gerando efeito dominó, que causou quebra de outras grandes instituições financeiras, causando a maior contração do PIB da zona do Euro

O conceito organizador do setor societário na securitização é a identidade, ou seja, a auto concepção de comunidades e de indivíduos que se identificam como membros de uma comunidade. Tal conceito de identidade apresenta-se como o conceito-chave de uma sociedade que, no contexto de insegurança societária, estabelecem uma questão como uma ameaça em potencial a sua sobrevivência enquanto comunidade. Logo, o termo “segurança societária”, podendo atender inclusive pelo termo “*identity security*”, ou “segurança identitária”, diz respeito às coletividades e suas respectivas identidades, e à necessidade de proteger a identidade coletiva de ameaças externas.

Como elucidado na obra de maior relevância da Escola de Copenhagen, as questões apresentadas com maior frequência como uma ameaça existencial dentro da agenda de segurança societária consistem em três categorias de ameaças societárias: (i) imigração; (ii) competição horizontal; (iii) competição vertical. Este trabalho considera a adequação da abordagem securitária húngara em relação à entrada de refugiados no país, em 2015, às primeira e terceira categorias. (BUZAN et al, 1998, p. 121).

No contexto húngaro, o fluxo de refugiados proveniente da *Western Balkan Route*, e a negação em aceitar a quota de alocação de refugiados estabelecida pela Comissão Europeia foram enquadradas como uma ameaça à demografia populacional húngara, devido a uma progressiva alteração na composição demográfica, além da influência de costumes, língua e religiões não ocidentais em padrões cristão- europeus, promovendo uma mudança irreversível em sua essência.

As identidades húngara e europeia, a princípio muito afins devido a suas raízes cristãs, iniciaram um processo de afastamento devido à diferença de natureza dos projetos políticos que predominam atualmente, tanto em Bruxelas, como em Budapest. A natureza iliberal, conservadora e nativista do regime húngaro se contrapõe ao liberalismo cosmopolita pregado pelos dirigentes europeus no coração burocrático da União Europeia. Logo, são dois projetos identitários que se repelem, sendo o primeiro um projeto com características identitárias restritas em relação ao projeto europeu, cujo projeto empurra na direção de uma identidade de mais amplo espectro. Cada projeto identitário forma, então, um círculo cuja força pode ser centrípeta (no caso húngaro), ou centrífuga (no caso europeu), formando-se um mapa de círculos concêntricos sobrepostos um ao outro. O ator securitizante, ao dar ênfase à diminuição do raio de atuação do círculo referente ao projeto e à sobreposição do círculo correspondente ao projeto identitário húngaro, situa o processo de securitização dentro da agenda societária.

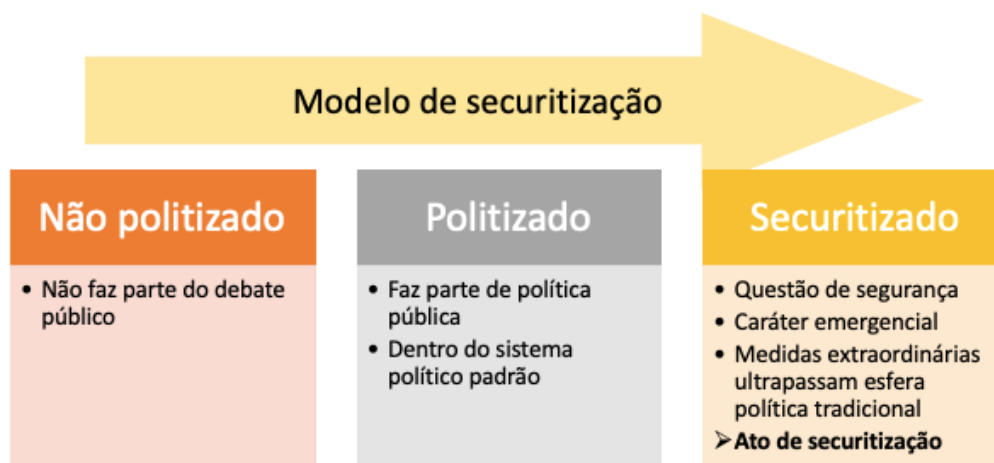
A reação da sociedade às ameaças latentes, segundo a Escola de Copenhagen, pode ocorrer de duas formas: através do envolvimento e liderança por meio de atividades

desempenhadas pela própria sociedade, ou delegando o controle da ameaça em questão ao Estado. A ameaça migratória é justamente uma questão comumente deslocada e delegada ao nível estatal, sendo posicionado na agenda estatal, ao ser enfrentada do ponto de vista legislativo e de defesa fronteiriça, podendo até mesmo fundir-se ao setor político de segurança (BUZAN et al, 1998, p. 122).

Para uma análise sobre a formulação e apresentação de uma questão como uma ameaça existencial, deve-se levar em consideração as vulnerabilidades da sociedade a ser estudada. Para tal, deve-se possuir profunda compreensão sobre o seu processo de construção identitária, objetivo este que o trabalho em questão almejou realizar no capítulo precedente, ao se debruçar sobre uma análise historiográfica de forma aprofundada. Como estabelecido pelos teóricos da securitização, se uma identidade nacional está ligada a hábitos culturais específicos, a uma matriz confessional específica, uma cultura com características essencialmente distintas e historicamente conflitantes será percebida como ameaçadora.

Para melhor compreensão do processo de securitização de uma determinada questão, será analisado o modelo de securitização, em que o processo é constituído de 3 etapas ao longo do espectro de securitização: (i) não politização; (ii) politização; (iii) securitização. No estágio inicial de não politização (i), a questão não é ainda enquadrada no debate público, não necessitando, portanto, de ação estatal. Uma questão adquire o caráter politizado (ii) ao ser abordado e discutido dentro do sistema político padrão, tornando-se parte da política pública ao necessitar de medidas governamentais e alocação de recursos, ou em casos mais raros, alguma forma de governança comunitária. (BUZAN et al. 1998). E por fim, uma questão encontra-se no estágio final do processo (iii) ao requerer ações emergenciais com medidas extraordinárias que excedem a esfera política tradicional. Logo, uma questão é securitizada ao ser enquadrada como uma questão de segurança, através de um ato de securitização que será promovido por um ator securitizante.

**Figura 3 - Modelo de securitização**



**Fonte:** elaborado pela autora com base em Emmers (2004) - Collins

Como previamente abordado, a Escola de Copenhagen promoveu uma inovação na análise de estudos securitários ao considerar atores não estatais na formulação da teoria da securitização. Logo, o ator securitizante no modelo em questão pode ser o governo, a elite política, as forças armadas ou a sociedade civil, que se responsabiliza pelo enquadramento de uma questão já politizada dentro da categoria de ameaça existencial ao objeto referente. No entanto, geralmente, o ato de securitização é dominado por atores que gozam de posições privilegiadas, o que contribuirá também para revelar a influência do ator securitizante, fazendo com que geralmente o ator em questão represente o Estado. Buzan, Waever e de Wilde afirmam que a securitização leva à extrapolação das regras pré-estabelecidas do jogo político, enquadrando a questão no âmbito de uma política cuja natureza encontra-se situa acima da política em seu senso comum, configurando-se como uma versão radicalizada da politização, regida por um tom emergencial (BUZAN et al., 1998).

Uma vez que o processo em direção à securitização tem início, o primeiro estágio ou marco inicial se caracteriza pela adoção de uma linguagem de segurança verificável em um “*speech act*” ou “ato discursivo”, de acordo com a teoria da linguagem. Neste ato de fala, há uma representação discursiva dramatizada de uma questão e de sua condição de sujeição a uma ameaça existencial. Estabelece-se uma prioridade emergencial que impele o ator securitizante a reivindicar ou afirmar a necessidade de recorrer à adoção de medidas extremas. Neste ato discursivo há uma tentativa de construção de um entendimento comum acerca da existência de uma situação emergencial onde um objeto referente encontra-se ameaçado, além de uma tentativa de persuadir a audiência relevante ao êxito do processo. A veracidade da ameaça

identificada não é requerida para a efetividade do ato discursivo, mas apenas a sua enunciação é necessária para que uma questão se torne uma questão securitária.

Para que o processo de securitização obtenha êxito, deve-se verificar uma aceitação por parte da audiência à qual o discurso fora direcionado, e o ator securitizante deve obter liberdade de movimento no âmbito de medidas emergenciais. Isso se deve ao fato de que a Escola de Copenhague identifica o conceito de segurança como um conceito socialmente construído. De acordo com a visão construtivista da Escola, a percepção de ameaça existencial é subjetiva, dependendo, portanto, da compreensão compartilhada da noção de ameaça à segurança por parte da sociedade, ou da audiência alvo. Logo, o ato de securitização resulta de um ato político e social, e os procedimentos políticos tradicionais serão vistos como inadequados para o enfrentamento da ameaça, legitimando, assim, a adoção de medidas extremas (EMMERS, 2004, p. 140).

Em todo processo securitizante, alguns setores podem se fundir. Este trabalho sustenta a hipótese de que, no caso húngaro, apesar de haver a clara prevalência do setor societário, o outro setor central dentro do modelo de securitização, o setor militar, fez-se presente. O objeto referente é o Estado a partir da ideia de soberania nacional, segundo a qual torna-se possível o autogoverno sobre o território e população em questão. As elites governantes desempenham papel de relevância na categoria de ator securitizante, pois as elites governantes evoluíram politicamente como os principais detentores do direito legítimo do uso da força, ao deter os recursos militares. Como elucidado na obra dos teóricos da securitização, a agenda de segurança militar orbita majoritariamente em torno da habilidade de governos se auto sustentarem frente a ameaças internas e externas, podendo inclusive implicar o uso de força militar para a defesa de Estados ou governos contra ameaças não-militares a sua existência como, por exemplo, ideologias consideradas conflitantes ou fluxos migratórios indesejados (BUZAN et al, 1998).

O premier húngaro, ao declarar que as fronteiras europeias estão sob ataque de hordas de refugiados, e incapaz de proteger as fronteiras húngaras com a Sérvia e a Croácia (fronteiras externas da zona Schengen<sup>7</sup>) optou pela adoção de medidas extraordinárias no âmbito militar. Uma das medidas consistiu na colocação de cercas de arame farpado nas fronteiras do país com a Sérvia e com a Croácia, e envio e mobilização de patrulhamento militar regular no local com forças não letais, autorizados pelo parlamento a utilizar balas de borracha, dispositivos pirotécnicos, bombas de gás lacrimogêneo e armas lança-rede (MIGRANT CRISIS, 21 set. 2015). Logo, houve um aumento na delegação de poder ao Exército para lidar com a crise,

---

<sup>7</sup> Zona Schengen é a área de livre circulação sem passaporte da União Europeia, que abrange 26 Estados, também chamada de zona europeia de livre circulação.

aumentando o orçamento militar. Este é um exemplo para que o leitor possa compreender a natureza de algumas medidas extraordinárias no caso húngaro, pois tais medidas podem variar de acordo com o objeto referente em um processo de securitização.

Deve-se atentar ao fato de que um ator pode realizar um ato discursivo bem-sucedido, ou seja, o ato discursivo atingiu o objetivo de persuadir o público alvo, mas mesmo assim, resolver abordar a questão dentro das normas políticas padrão. No entanto, o processo de securitização apenas logra êxito em sua completude ao contar com dois âmbitos: (i) discursivo, em que há o ato discursivo e sua posterior aceitação coletiva; (ii) não-discursivo, em que se verifica a *policy implementation*, ou seja a adoção de facto das medidas emergenciais (Emmers 2004). No caso húngaro, os dois âmbitos fizeram-se presentes na securitização da crise dos refugiados, servindo à criação de um clima político propício à limitação de liberdades civis em uma democracia bem-estabelecida, porém relativamente jovem.

Na Hungria de Orbán, o processo de securitização mesclou-se em seus dois setores mais proeminentes: setores social e militar, configurando-se um caso de securitização societária militar, respectivamente. Os objetos referentes consistiram na malha social e identidade nacional (segurança societária), bem como no Estado e sua soberania nacional (segurança militar). O ator securitizante foi o primeiro-ministro Viktor Orbán; a audiência consistiu na opinião pública húngara.

## 2.2. TEORIA DO TRAUMA COLETIVO

Neste tópico será analisada o conceito teórico de trauma cultural proposto pelo professor e cientista político Jeffrey C. Alexander em seu livro intitulado *Cultural Trauma and Collective Identity*. A análise da teoria tem o intuito de complementar a teoria da securitização, através da compreensão dos mecanismos do processo de construção de um trauma coletivo, ao contar com a *Speech Act Theory*, que vem a complementar o ato discursivo, ponto de partida para o início do processo de securitização. Além disso, o conceito de Alexander demonstrar-se-á de suma importância para a compreensão da “patologia coletiva” que acomete o subconsciente húngaro conhecido como Complexo de Trianon (TRAUB, 2015).

O trauma cultural, como definido por J. Alexander, ocorre quando membros de uma coletividade são submetidos a um determinado evento traumático, cujas marcas impressas na consciência coletiva tornam-se indelévels, moldando suas memórias definitivamente, de modo a alterar e determinar sua futura identidade irremediavelmente (ALEXANDER et al, 2004, p.1).

Como exposto no livro, a noção de trauma cultural é compreendida como um conceito essencialmente científico e empírico, em que a ação política e responsabilidade social são

fortemente valorizadas ao criar nexos de causalidade e significação entre eventos, percepções e ações. Alexander (2004, p. 2) afirma que é através da construção de traumas culturais por parte de grupos sociais, sociedades nacionais ou de inteiras civilizações que ocorre uma identificação cognitiva, seguida de uma projeção da responsabilidade pelo seu sofrimento na imagem do “outro”. Faz-se necessário frisar que o conceito de trauma para Alexander, não é um fenômeno fixo e objetivo, pois depende da interpretação da coletividade conferida a um determinado evento ao longo de um processo de construção social do trauma.

Na teoria do trauma coletivo, Alexander (2004) serviu-se da contribuição de Arthur Neal em seu livro intitulado *National Trauma and Collective Memory* para a teorização do processo de construção do trauma coletivo. Neal enfatiza o conceito de coletividade em detrimento âmbito individual que encontrava maior ressonância nas abordagens psicanalíticas, priorizando eventos traumáticos para a identidade nacional. É também na obra de Benedict Anderson que Alexander encontrará embasamento para a teorização do processo de construção traumático. Alexander aborda as narrativas ideológicas autoconscientes presentes na história nacionalista, que representam crenças coletivas que reivindicam a existência de um trauma nacional. Anderson ainda afirma em seu livro intitulado *Imagined Communities* a relevância do papel de histórias nacionais construídas sobre feridas que clamam por reparação, para que assim, a identidade nacional seja forjada (ALEXANDER et al, 2004, p. 19).

O processo de transformação de crises em eventos traumáticos a nível coletivo desenvolve-se dentro de um processo social em que crises sociais transformam-se em crises culturais, tornando-se necessária a distinção entre eventos e suas respectivas representações. No processo de representação traumática, atores coletivos decidem representar um evento particularmente doloroso, chamado de *social pain*, como uma ameaça fundamental à identidade coletiva, que se enquadram em ações coletivas, mediadas por processos culturais e institucionais.

A ação coletiva abrange a etapa de *claim making*, (ALEXANDER, 2004, p.11) ou seja, os agentes coletivos fazem uma reivindicação a respeito de um determinado evento e sua realidade social, difundindo representações simbólicas do evento social pertencente ao passado ou ao presente, contendo as causas e a responsabilização no ato discursivo, que dá início à construção cultural do trauma. Alguns traços relevantes do processo são encontrados no conceito de ferida fundamental ou profanação de um determinado valor sacro, podendo também estar presente a narrativa sobre um processo social destrutivo, que demanda algum tipo de reparação ou reconstituição seja de natureza emocional, institucional ou simbólica.

No ato discursivo, cria-se uma *spiral of signification* (ALEXANDER, 2004, p.11) ou seja, uma espiral de significação que preencherá a lacuna entre evento e representação, construindo um quadro convincente de classificação cultural, ou seja, criando uma narrativa histórica, que pode ser altamente contestada e polarizar a opinião da audiência. Para que ocorra um autoconvencimento da audiência do seu papel de vítima de uma experiência traumática, o ator coletivo, chamado de *carrier group*, deve construir um discurso de significação persuasivo, ou seja, como ocorre no modelo de securitização, o ator securitizante em seu ato discursivo deve obter sucesso no trabalho de convencimento da audiência, e no caso da teoria do trauma cultural, resultará em um processo de representação coletiva bem sucedido. A presença deste ator coletivo chamado de *carrier group* relaciona-se com o a componente de liderança dentro do populismo, uma vez que o líder possui uma função de grupo e de protagonismo dentro de uma relação social, assumindo função de essencial relevância na formação e conservação do grupo, além de ser visto como um “protetor” contra os perigos e inimigos da coletividade.

Como pode-se observar, há uma complementação entre a teoria de Jeffrey Alexander e da Escola de Copenhague devido à relevância da dimensão discursiva. Esta complementação encontra-se mais precisamente na *Speech Act Theory*, que estabelece a necessidade de um ato discursivo para a consolidação do processo de construção cultural do trauma, e conta com elementos similares àqueles encontrados no modelo de securitização: (i) *speaker*; (ii) audiência; (iii) situação.

Este discurso de significação deve criar uma nova narrativa mestre contendo quatro questões fundamentais para sua criação: (i) a natureza da *social pain*, ou seja, a essência dos fatos relativos ao trauma ; (ii) a natureza da vítima, ou seja, qual e quantos grupos de indivíduos foram afetados – a identidade da vítima; (iii) a relação da vítima frente à audiência; (iv) responsabilização, ou seja, identificação da identidade do agressor.

### 2.3. DEMOCRACIA ILIBERAL

Neste tópico será apresentado o conceito de democracia iliberal teorizado por Fareed Zakaria em seu artigo para a revista *Foreign Affairs* em 1997. O artigo foi escrito no contexto das eleições que ocorreriam na Bósnia, ao surgir o questionamento acerca da cada vez maior separação das duas vertentes que compõem a democracia liberal – democracia e liberalismo constitucional – em vários regimes ao longo do mundo no final do século XX.

O conceito de “democracia iliberal” abrange governos eleitos ou referendados legitimamente em que não há garantias do respeito aos limites constitucionais, privando a



população que os elegeram de seus direitos fundamentais. Desse modo, as liberdades políticas gozam de maior proteção em relação à escassa proteção dispensada às liberdades civis.

Na tradição Ocidental, o entendimento do termo “democracia” corresponde a “democracia liberal”. No entanto, a democracia liberal é composta por duas vertentes – democracia e liberalismo constitucional - que não necessariamente estiveram condicionadas uma à outra ao longo da história. A definição de democracia de acordo com o histórico grego Heródoto<sup>8</sup>, consistia no governo do povo, restringindo-se a um processo de escolha de governos. Logo, a definição minimalista e essencial de “democracia” consiste em eleições abertas, justas, livres, competitivas e multipartidárias. Já o “liberalismo constitucional” não nos remete a procedimentos de seleção governamental, mas sim, a metas governamentais. O termo une o “liberal” ao “constitucional”, ao enfatizar liberdade individual e Estado de direito. Deste modo, o termo se desenvolveu na Europa ocidental e nos Estados Unidos da América, como defesa do direito individual à vida, à propriedade, à liberdade de expressão e de culto, e que, para que fossem assegurados, deveriam contar com garantias constitucionais que atuassem como controles e contrapesos a cada órgão do poder, assegurando igualdade perante a lei, tribunais e cortes imparciais, assim como a separação entre Igreja e Estado (ZAKARIA, 1997, p. 26). Deste modo, o liberalismo constitucional, com suas variantes, consiste na proteção da autonomia individual contra a coerção para que seus direitos inalienáveis sejam preservados, sendo necessário, para tanto, a aceitação por parte do governo de uma lei fundamental que limita seus próprios poderes.

Para melhor compreendermos a natureza do regime de Viktor Orbán para além de sua aberta declaração acerca da intenção de transformar seu país em uma democracia iliberal,<sup>9</sup> a natureza do sistema político húngaro será analisada sob a ótica da hibridização que deslocou o sistema para a categoria dos regimes não democráticos.

O conceito de regime híbrido se refere a uma zona intermediária entre democracias liberais e regimes totalitários, zona, esta, em que se fazem presentes características democráticas como eleições livres, competitivas e multipartidárias, sinalizando um nível de competição política, e no entanto, a estrutura institucional mina a vertente liberal constitucional governamental, encontrando um governo fortalecido por esta estrutura em relação à oposição

---

<sup>8</sup> Heródoto, 484 a.C., histórico grego da antiguidade, considerado “pai da história” por Marco Túlio Cícero, filósofo e legislador romano.

<sup>9</sup> HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán’s Speech at the 25th Bálványos Summer Free University and Student Camp. **Website of the Hungarian Government**, 30 Jul. 2014. Disponível em: < <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-25th-balvanyos-summer-free-university-and-student-camp> > Acesso em: 29 out. 2020.

enfraquecida. Do ponto de vista teórico, o regime híbrido pode ser classificado como um tipo de regime independente interposto entre regimes democráticos e autoritários, incluindo a presença de competição política unilateral e irregular, bem como a existência formal de uma constituição liberal, mas com deficiências graves no seu funcionamento real (BOZÖKI, 2017, p. 101).

O que torna o caso húngaro interessante para análise acadêmica são suas seguintes propriedades únicas: o país é um Estado-membro da União Europeia, que, paradoxalmente, é composta por democracias liberais ligadas entre si pelo respeito mútuo pelo sistema de valores do bloco (BOZOKI, 2017, p. 102).<sup>10</sup> Além disso, os critérios de adesão colocados como condição para a entrada de um país europeu no bloco estabelecem a possibilidade de adesão por parte de democracias liberais estáveis, devendo satisfazer os critérios de elegibilidade estabelecidos pelo Conselho Europeu de Copenhague.<sup>11</sup> A Hungria, dentro do contexto europeu, é a única democracia liberal, de tipo ocidental, consolidada e estável, que sofreu processo de erosão, transformando seu regime em um regime híbrido (BOZOKI, 2017, p. 103).

Veremos mais adiante a importância deste conceito ao analisar o discurso histórico do primeiro-ministro em julho de 2014, em que o desejo de transformar a Hungria em uma democracia iliberal é expresso. Tal definição auxilia a compreensão do status da democracia vigente na Hungria, considerando a sua trajetória de evolução política na direção de uma crescente radicalização passando do espectro de direita para o de extrema-direita.

## 2.4. POPULISMO

Este tópico se inicia com a definição clássica do conceito de populismo pelo teórico Cas Mudde: O populismo é uma ideologia, segundo a qual a sociedade encontra-se dividida em dois grupos antagonistas, colocando o povo puro contra uma elite, representante do *establishment*, considerando que a política deva ser uma expressão da vontade geral do povo. Apresenta-se como uma concepção monística e maniqueísta da sociedade, ao contrapor-se o “bem” e o “mal” na sociedade. Os três conceitos cardeais do populismo consistem no povo,

---

<sup>10</sup> O artigo 2.º do Tratado da União Europeia (TUE) define os valores fundantes do bloco, ao estabelecer que: “A União funda-se nos valores do respeito pela dignidade humana, da liberdade, da democracia, da igualdade, do Estado de direito e do respeito pelos direitos do Homem, incluindo os direitos das pessoas pertencentes a minorias. Estes valores são comuns aos Estados-Membros, numa sociedade caracterizada pelo pluralismo, a não discriminação, a tolerância, a justiça, a solidariedade e a igualdade entre homens e mulheres.”

<sup>11</sup> O artigo 49.º do Tratado da União Europeia (TUE) constitui a base jurídica de adesão ao bloco, estabelecendo que: “Qualquer Estado europeu que respeite os valores referidos no artigo 2.º e esteja empenhado em promovê-los pode pedir para se tornar membro da União.” No artigo 6.º do mesmo Tratado, encontramos os Critérios de Copenhague, em que são estabelecidos critérios políticos, econômicos e comunitários para entrada no bloco.

elite e vontade geral, trazendo a noção de “soberania popular” (MUDDE, 2004). Para a melhor compreensão do conceito, deve-se diferenciar o conceito de “popular” de “populismo”. Um governo que visa a atender as demandas da população, e adota medidas que abranjam questões centrais segundo a percepção pública, enquadra-se na relação esperada e saudável entre governante e eleitor, enquadrando-se, assim, na categoria de governo “popular”.

Para que um governo seja enquadrado na classificação “populista” alguns comportamentos políticos devem ser observados. O ator político passa a não se utilizar mais dos canais tradicionais de identificação e resposta às demandas intrínsecas a uma democracia, lançando mão de meios heterodoxos, dentre elas a escolha de certas agendas políticas, o modo de obtenção de apoio popular em busca de legitimação de suas ações, e o uso de retórica com forte apelo ao imaginário popular. Neste último ponto, a busca pela identificação com um sentimento comum e com os desejos do “povo” simplifica a heterogeneidade sócio-política da sociedade, facilmente identificável através de uma análise do comportamento discursivo dos atores políticos, sendo de extrema relevância a dimensão discursiva.

Tendo em vista tais características, é possível compreender a importância do conceito de Mudde e sua conexão com os conceitos previamente expostos devido à presença da dimensão discursiva e do apelo ao imaginário popular, por exemplo, intimamente relacionados à dimensão discursiva presente na teoria da securitização, e ao processo de construção social do trauma coletivo.

O fenômeno do populismo contemporâneo – neopopulismo - tem se mostrado presente globalmente, e tem afetado de forma decisiva o debate sobre segurança e o modo de gerenciamento de fronteiras. Devido às crises pelas quais a Europa vem passando, como a crise de 2008, Brexit<sup>12</sup> e Covid-19, o processo de reelaboração dos aspectos espaciais identitários vem sendo estimulados, assim como a articulação política a respeito do entendimento do conceito de ameaça. As estratégias discursivas empregadas por partidos populistas nacionalistas dirigem-se às ameaças percebidas contra uma comunidade nacional supostamente homogênea, vítima de instituições supranacionais, bem como de processos de globalização e multiculturalismo, e de fluxos de mobilidade internacionais. As narrativas que se articulam em torno da ideia de “recobrar o controle da nação” na defesa dos interesses nacionais reafirma, como observado no caso húngaro, o controle das fronteiras e endurecimento de políticas de asilo (CASAGLIA et al., 2020). Nesse sentido, a noção de soberania nacional fortemente

---

<sup>12</sup> O termo Brexit se refere à saída do Reino Unido da UE, consistindo num processo de que colocou fim à adesão do Reino Unido à União Europeia, segundo modalidades previstas no artigo 50 do Tratado sobre a União Europeia (TUE), em consequência de um referendun sobre a sua permanência no bloco europeu.

territorializada dentro de suas fronteiras torna-se terreno fértil para políticas identitárias com base em etnias homogêneas, pertencimento religioso e hábitos culturais compartilhados.

Deste modo, a *border sovereignty*, ou soberania fronteiriça, passa a ser o cavalo de batalha do neopopulismo, que encontra nas fronteiras nacionais o “*locus* da performance populista” (KALLIS, 2018). Esta performance populista no âmbito das fronteiras e territorialização da política, expressa-se através justamente do controle biopolítico do fluxo migratório (no âmbito externo), e no nacionalismo deslegitimador do multilateralismo e cosmopolitismo (no âmbito interno). No caso de países membros da união Europeia, partidos populistas nacionalistas na Itália e Hungria, por exemplo, apresentam a integração europeia como uma ameaça à defesa da soberania e interesse nacionais, tendo para isso até mesmo construído redes transnacionais de apoio para contra-atacar entidades supranacionais acusadas de incompetência no que tange à defesa dos valores ocidentais frente à “invasão” de imigrantes.

Outra característica marcante do populismo contemporâneo é o clima constante de campanha eleitoral e a necessidade de perene mobilização da opinião pública, mesmo quando os líderes populistas encontram-se já instalados no poder.

A noção de povo soberano baseia-se na concepção moderna democrática que define o povo não apenas como a fonte decisiva da legitimidade do poder político, mas também como “governante”. A expressão “gente comum”, abraçada pelos populistas defende a dignidade e cognição dos grupos que, objetiva ou subjetivamente, encontrem-se excluídos das esferas de tomada de decisão, como é o caso da narrativa de Orbán em relação ao povo húngaro e à burocracia europeia localizada em Bruxelas. Logo, a evocação dos interesses e ideias da “gente comum” é um dos apelos mais frequentes nas experiências consideradas populistas. (PIRRO, 2015)

A noção de “povo nação” também se adequa ao caso húngaro, devido ao referimento ao termo “povo” como uma comunidade nacional, definida em sentido cívico ou étnico. Esta definição implica a inclusão de todos os nativos de um país, e que sua totalidade constitui uma comunidade detentora de uma existência compartilhada. Deste modo, “povos” representam “nações”, que por sua vez encontram-se cimentadas em mitos fundadores

Um dos conceitos cardeais do populismo, é a classificação de uma “elite”, geralmente baseada em conceitos morais, que a fará ser contraposta ao conceito, também cardeal, de povo “puro”. Os populistas tecem críticas à elite econômica, cultural e midiática, consistindo numa retórica anti-*establishment*. Em relação à situação húngara, vemos a criação de mito político, utilizando-se de símbolos, imagens e metáforas usadas para criar o discurso de conspiração em

relação a um inimigo em comum, assumindo a imagem da elite burocrática de Bruxelas (GIRARDET, 1987, p.16)

Por fim, a vontade geral, ou *vox populi*, é o terceiro conceito fundamental, baseado na unidade do povo e seu pertencimento ao *demos*, implicando na possível legitimação de ataques autoritários e iliberais contra qualquer possível ameaça, real ou suposta, à homogeneidade do povo (ZULIANELLO, 2017).

O populismo de direita, para Zulianello, abraça noções excludentes de povo no sentido étnico, podendo limitar-se à população nativa ou sociocultural (reservada apenas aos membros merecedores). Considerando os partidos populistas de direita europeus, o populismo de direita subdivide-se em: (i) direita radical populista, representada pelo *Front National* francês, hoje *Rassemblement National*; (ii) populismo neoliberal, representado pelo *Brexit Party*; (iii) partidos nacional conservadores radicalizados, como é o caso do partido Fidesz, na Hungria. Na visão nacional conservadora, a sociedade é hierárquica centrada em valores tradicionais, como nação, família, comunidade e patriotismo (ZULIANELLO, 2019).

No âmbito do populismo, faz-se necessário analisar as características do que viria a ser a “extrema-direita” húngara. A extrema-direita húngara representada pelo partido Jobbik, apresenta as seguintes características: Irredentismo, como visto no tópico sobre o Complexo de Trianon; clericalismo (reconhecendo a Hungria como um país baseado na moral e valores cristãos, definindo a identidade nacional e a cristandade como conceitos inseparáveis) uma agenda econômica nativista, e um pessimismo em relação à integração junto ao bloco da União Europeia (PIRRO, 2015, P.71). No governo do partido de Orbán – Fidesz – vê-se uma crescente influência do partido Jobbik nas políticas adotadas, principalmente o uso de temas caros à extrema direita empregados no combate à imigração e valiosos nos discursos de securitização. Considerando estas características da extrema-direita húngara, conseguimos lançar um olhar analítico sobre as ações e discursos do premier húngaro.

Este tópico possui uma profunda ligação com o conceito de “Complexo de Trianon” e todo o processo narrativo de vitimização construído por Orbán, previamente abordado no capítulo primeiro. O premier húngaro, em seu embate com Bruxelas, na luta contra o cosmopolitismo e os valores liberais “impostos” pela EU, afirma que a Hungria não é uma colônia, e não permitirá ser oprimida por Bruxelas após séculos de ocupação turca, habsbúrgica e décadas de jugo soviético (LENDVAI, 2017, p. 114). A sombra traumática do Tratado de Trianon pode ser vislumbrada nos discursos de Orbán, tendo sido, no entanto, apropriada por ativistas e partidos de extrema-direita húngaros.

### 3. ANÁLISE EMPÍRICA

Uma forma de compreender o fenômeno da securitização da questão migratória na Hungria é por meio do estudo dos discursos proferidos pelo Primeiro-ministro Viktor Orbán. Analisando o conteúdo de seus discursos, pode-se observar de forma empírica seu ato discursivo pertinente a um processo de securitização, dentro dos contextos populista e de hibridização do regime na direção de uma democracia iliberal.

O presente capítulo se servirá da análise de conteúdo por ser uma metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos, visando à análise de dados qualitativos a partir da descrição do conteúdo de mensagens e discursos (BARDIN, 2011).

Ao longo do capítulo serão abordados alguns discursos pertinentes à pesquisa no que se referente ao tema da securitização da questão migratória, com especial atenção para a “*National Consultation on Immigration and Terrorism*”<sup>13</sup>, por configurar-se claramente um ato securitizador por parte do próprio premier, enquanto ator securitizante. Em seguida, será trazida ao conhecimento do leitor uma seleção de fragmentos de discursos considerados pertinentes à pesquisa, com vistas a auxiliar na compreensão dos dados processados com auxílio do software IraMuTeQ<sup>14</sup>, que serão apresentados no último tópico do capítulo.

#### 3.1. CONSULTA NACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO E TERRORISMO

Neste tópico será analisada a Consulta Nacional sobre Imigração Terrorismo, bem como o processo de preparação que a antecedeu, para que melhor se compreenda o processo securitizador da crise dos refugiados. O início do movimento do governo húngaro na direção da construção da campanha anti-imigração se deu precisamente no dia 11 de janeiro de 2015, quando Orbán declarou em uma entrevista para o telejornal húngaro *MI Híradó*<sup>15</sup> que:

*(...) immigration is bad for Europe. It should not be viewed as having any benefits, because it only brings trouble and danger for the European man [sic], therefore immigration has to be stopped: this is the Hungarian standpoint (...). We do not want to see any sizeable minority with different cultural characteristics and backgrounds*

<sup>13</sup> “Consulta nacional sobre imigração e terrorismo”, com início em 24 de abril de 2015 e conclusão no dia 27 de julho do mesmo ano.

<sup>14</sup> *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, é uma ferramenta baseada no software R que permite um melhor estudo estatístico dos textos.

<sup>15</sup> Principal telejornal da emissora pública estatal de televisão *Médiaszolgálatás-támogató és Vagyonkezelő Alap* (MTVA), em inglês, *Media Services and Support Trust Fund*

*among ourselves; we would like to keep Hungary as the country of Hungarians.*<sup>16</sup>  
(BOCSOR, 2018)

Esta declaração se deu em um contexto de grande comoção mundial causada pelos ataques terroristas à sede da revista satírica *Charlie Hebdo*<sup>17</sup> no dia 7 de janeiro de 2015, em Paris, lançando as bases do tom securitário adotado na futura Consulta Nacional que ocorreria em abril. O discurso enquadra a questão migratória no âmbito da ameaça securitária cultural, esboçando um ensaio de ato discursivo de securitização societária.

Deve-se atentar para a estratégia proposta por Orbán já em 2005, quando liderava a oposição, de estabelecer um vínculo direto entre a política e o povo através da ideia de “consulta nacional” (BOCSKOR, 2018). Este recurso passaria então a ser instrumentalizado com fins políticos a partir da vitória eleitoral parlamentar do partido de Orbán em 2010, ao erigir o “Sistema de Cooperação Nacional” previsto no “Programa de Cooperação Nacional. No Programa de governo apresentado pelo partido são abordados tanto o Sistema Nacional de Cooperação como questões de importância nacional nos seguintes âmbitos: revitalização econômica e do sistema de saúde; restabelecimento da ordem; instituição da segurança social; e restauração das normas democráticas. O documento se inicia com a Declaração de Cooperação Nacional, e em seguida, apresenta-se o Sistema de Cooperação Nacional da seguinte forma:

*In spring 2010 for the first time in Hungary since the system change a single political force was granted democratic authority of constituent import. This act imposes historical responsibility on the newly formed parliament (...). The new Assembly is in fact a constituent national assembly and system-founding parliament. With the two-thirds mandate voters entrusted the new Assembly and the new government using democratic means to carry out revolutionary changes in national issues of the greatest importance. By doing so the country's citizens regained their ability of self-determination and the opportunity by joining forces, instead of pacts and forced compromises, to turn the country in the interest of the common good in a new direction (HUNGRIA, 2010).*

O governo reivindica o alinhamento dos interesses do “bem comum” com o reestabelecimento do direito à autodeterminação dos cidadãos húngaros, estabelecendo uma nova direção a partir da autoridade democrática conferida a uma única força política, revestida de responsabilidade histórica. Logo, com a vitória de dois terços no Parlamento, a nova Assembleia declara-se encarregada de liderar mudanças revolucionárias nas questões nacionais

<sup>16</sup> Tradução livre da autora: “imigração é ruim para a Europa. (...) e não deveria ser vista como algo que traz quaisquer benefícios, porque só causa problemas e perigos para o homem europeu [*sic*], e portanto, a imigração deve ser suspensa: esse é o posicionamento húngaro [...] Nós não queremos ver nenhuma minoria considerável com aspectos e contextos culturais diferentes entre nós.”

<sup>17</sup> 12 pessoas perderam a vida no ataque de dois irmãos muçulmanos de origem argelina, como represália à publicação de charges cuja temática era o profeta Mohammed

de elevada importância, libertando o país de “pactos e compromissos forçados” danosos aos interesses nacionais. O documento, ao citar o Discurso da Mentira<sup>18</sup>, enfatiza ainda a incompetência do governo precedente, ressaltando a eliminação de controle orçamental, com a falsificação de dados financeiros, e com isto, limitando mais uma vez, o direito à autodeterminação dos cidadãos. O documento declara a união da *vox populi* como principal fonte emanadora de poder na Hungria, assegurando o estabelecimento de um novo contrato social através do Sistema de Cooperação Nacional, que atua como base para a reconstrução do país:

*The System of National Cooperation is built instead of ostracism on unity, instead of political irresponsibility on political responsibility, instead of tolerance of extremes on the rejection and elimination of such, instead of the limitation of citizens' self-determination on the proliferation of such, and on the restoration of balance between rights and obligations (HUNGRIA, 2010).*

Baseando-se nas propostas de proximidade entre “governo e povo” presentes no Sistema Nacional de Cooperação, oito consultas nacionais foram lançadas desde a chegada ao poder de Viktor Orbán, sendo elas sobre sistema previdenciário, nova constituição, economia, imigração e relações com a União Europeia e, a mais recente consulta nacional, sobre o enfrentamento da pandemia de Covid-19. Quatro consultas tiveram como tema a gestão dos fluxos migratórios.

Em outubro de 2016, o governo lançou um referendo sobre os planos de realocação de imigrantes da União Europeia, intitulado *kvótareferendum* ("quota referendum") na mídia húngara, com a seguinte pergunta: “*Do you want the European Union to be able to mandate the obligatory resettlement of non-Hungarian citizens into Hungary even without the approval of the National Assembly?*”<sup>19</sup> O plano da EU contava com a realocação de 160.000 requerentes de asilo da Itália e Grécia, dentre outros países membros, prevendo a quota de 1.294 requerentes de asilo para o território húngaro. Apesar de a participação ter sido de apenas 43,35% do eleitorado, Orbán considerou o resultado como um apoio ao posicionamento contrário às quotas compulsórias, pois dos 8.272.625 eleitores que compareceram, 98% votou pelo “não” (MACDOWALL, 2016).

---

<sup>18</sup> Referência ao *Ószódi beszéd*, ou discurso da mentira, feito pelo primeiro-ministro húngaro Ferenc Gyurcsány no Congresso do Partido Socialista Húngaro, foi vazado em setembro de 2006, dando início a uma crise política nacional (mencionado no primeiro capítulo).

<sup>19</sup> Tradução da autora: “Você concorda que a União Europeia designe a realocação obrigatória de cidadãos não húngaros dentro da Hungria mesmo que seja sem a aprovação da Assembleia Nacional?”



Em abril de 2017, foi lançado um questionário intitulado “*Let’s Stop Brussels!*”<sup>20</sup> com seis perguntas sobre as relações entre Budapest e Bruxelas, e a suposta interferência da UE em assuntos nacionais. Em setembro do mesmo ano, uma consulta sobre o “*Soros Plan*” apresentou um questionário contendo sete perguntas sobre a suposta influência do bilionário George Soros<sup>21</sup> sobre as políticas do bloco europeu na determinação da quota de realocação de imigrantes dentro do bloco. No entanto, a primeira consulta sobre o tema, que será analisada neste tópico, intitulada “*National Consultation on Immigration and Terrorism*”, foi apresentada em fevereiro de 2015 por Antal Rogán, então líder do partido Fidesz no Parlamento, em uma entrevista coletiva na estação central ferroviária de Keléti.<sup>22</sup> Mais tarde, em 24 de abril, a consulta foi lançada consistindo em duas partes: o preâmbulo escrito pelo primeiro-ministro Viktor Orbán (ANEXO 1), e o questionário contendo doze perguntas, em que cada uma oferece três opções de múltipla escolha como resposta (ANEXO 2).

No preâmbulo, nota-se o papel central do primeiro-ministro, ao ser o documento escrito em seu nome, contendo sua assinatura no final da página, enfatizando a ausência de qualquer outro membro do governo. Orbán inicia o documento com a frase “Em 2010, nós, húngaros, decidimos discutir todas as questões importantes antes de tomarmos uma decisão.” Esta frase faz alusão ao Sistema de Cooperação Nacional lançado em seu programa de governo, que se utiliza das consultas nacionais como instrumento político. Além disso, ao utilizar-se do “nós húngaros”, implica uma sintonia entre o regime político e o a vontade popular.

Os pontos neste preâmbulo que demonstram uma abordagem securitária são a confusão entre os termos “imigrantes econômicos” e “cruzadores de fronteiras ilegais” (*illegal border crossers*) e “requerentes de asilo” (*asylum seekers*), criando uma imagem da ilegalidade da figura do imigrante, que se disfarça de requerente de asilo, podendo ser um terrorista em potencial, como o título da consulta aponta. Além disso, em meio à evocação da brutalidade do ataque à sede do semanário Charlie Hebdo, a securitização da questão é explicitada na frase “*In the last few months alone, in Hungary the number of economic migrants has increased approximately twentyfold. This represents a new type of threat – a threat which we must stop*

---

<sup>20</sup> “**Let’s Stop Brussels**”: Here is the new national consultation. 3 abr. 2017 < <https://budapestbeacon.com/lets-stop-brussels-new-national-consultation/> > Acesso em: 28 nov. 2020.

<sup>21</sup> Gyorgy Soros, é um empreendedor e filantropo húngaro naturalizado estadunidense. Soros é presidente do *Soros Fund*, da *Open Society Foundations* e conselheiro do *Quantum Group*.

<sup>22</sup> Estação central em Budapest de conexão a outras capitais europeias usada pelos refugiados provenientes da *Western Balkan Route* que haviam conseguido atravessar as fronteiras meridionais húngaras. A estação chegou a se transformar em um campo de refugiados, após autoridades húngaras fecharem a estação para impedir que refugiados e imigrantes embarcassem em trens para a Alemanha e Áustria sem o controle de seus vistos.

*in its tracks.*”<sup>23</sup> Orbán apresenta o aumento supostamente exponencial da entrada de imigrantes no país como uma nova ameaça a ser enfrentada, uma vez que a União Europeia é incompetente para fazê-lo (como afirmado na última frase do segundo parágrafo). Para que a questão seja compreendida sob a luz da Escola de Copenhagen, consegue-se identificar o tom que injeta urgência à questão ao adotar a estrutura “*We must make...*” (“Nós temos que tomar...”) nas penúltimas frases: “Nós temos que tomar uma decisão sobre como a Hungria deveria se defender contra imigrantes ilegais”, “Nós temos que tomar uma decisão sobre como limitar rapidamente a imigração econômica”.

No questionário, o modo de iniciar as primeiras perguntas chama atenção, pois ao serem empregadas estruturas como “Há quem pense que...”, “Temos ouvido diferentes opiniões sobre...” as respostas dos cidadãos são induzidas de acordo com a opinião do governo.

Nas últimas perguntas, constata-se o pedido de apoio por parte do governo aos cidadãos para a adoção de medidas mais rigorosas em relação àquelas adotadas por Bruxelas, propondo a detenção de imigrantes cruzando ilegalmente as fronteiras e a sua devolução aos países de origem:

Pergunta n. 7: “*Would you support the Hungarian government in the introduction of more stringent immigration regulations in contrast to Brussels’ lenient policy?*”

Pergunta n. 8: “*Would you support the Hungarian government in the introduction of more stringent regulations, according to which migrants illegally crossing the Hungarian border could be taken into custody?*”

Pergunta n. 9: “*Do you agree with the view that migrants illegally crossing the Hungarian border should be returned to their own countries within the shortest possible time?*”<sup>24</sup> (ANEXO 2)

Nas figuras 4 e 5 abaixo, vemos dois exemplares de *outdoors* exibidos nas ruas de Budapeste em 2015, representando parte da campanha publicitária governamental de combate à imigração. A mensagem do cartaz seria em teoria direcionada aos imigrantes que chegam ao país, exortando-os a respeitar as leis e cultura húngaras. No entanto, o fato de a mensagem estar escrita em húngaro, tornando improvável a compreensão da mesma por parte de estrangeiros, percebe-se claramente o objetivo do governo em comunicar seus posicionamentos aos cidadãos, buscando assim, convencer a população do seu ponto de vista, e obter apoio na implementação de medidas migratórias mais restritas, como previsto pela Escola de Copenhagen.

<sup>23</sup> Tradução livre da autora: “*Só nos últimos meses, o número de imigrantes econômicos na Hungria aumentou em vinte vezes. Isto representa um novo tipo de ameaça – uma ameaça que tem de ser contida o quanto antes.*”

<sup>24</sup> Tradução da autora: 7 – “*Você apoia a introdução por parte do governo húngaro de um regulamento migratório mais rigoroso contrariamente à política branda de Bruxelas?*” / 8 – “*Você apoia a introdução por parte do governo húngaro de medidas mais rigorosas, segundo as quais imigrantes cruzando ilegalmente a fronteira húngara poderiam ser detidos?*” / 9 – “*Você concorda com a ideia de que os imigrantes cruzando ilegalmente a fronteira húngara deve ser devolvido ao seu país de origem no período mais breve possível?*”

**Figura 4** - Outdoor de Campanha governamental para Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo: “Se você vem para a Hungria, deve respeitar a nossa cultura!”, 2015.



Fonte: ANITA (s/d). Acessado em: 20 out 2020.

**Figura 5** - Outdoor de Campanha governamental para Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo: "Se você vem para a Hungria, deve respeitar as nossas leis!", 2015.



Fonte: ANITA (s/d). Acessado em: 20 out 2020.

Como estabelecido pela teoria da securitização, o ator securitizante na figura de Viktor Orbán tenta obter o consenso da audiência no que tange à adoção de medidas extraordinárias, fazendo referências à proteção da fronteira húngara, que mais tarde, em setembro de 2015, transformar-se-ia em um reflexo da securitização da crise dos refugiados.

Analisando a tabela do ANEXO 3, constata-se que a maioria dos cidadãos húngaros apoiou as posições do governo, pois dentre as 12 questões, a questão n. 1, com a menor taxa de aprovação, obteve 85% de apoio. Logo, os resultados foram interpretados pelo governo como

uma legitimação das ações subsequentes, como lemos neste trecho de discurso proferido por Orbán em uma Universidade na Romênia:

*The results of the consultation show that Hungarians do not want illegal immigrants and do not want to take part in the intellectual amuck of the European Left. Hungary has decided, and the Hungarian people have decided this way. This means that we want to remain a secure and stable country and a united and balanced nation in the insecure world that surrounds us (BOCSKOR, 2018)<sup>25</sup>*

Como podemos ver na Figura 6 e no trecho do discurso do premier, a abordagem adotada pelo governo demonstra um ato de securitização bem-sucedido, pois o ator securitizante na figura de Orbán obteve êxito em convencer a audiência em relação à ameaça existente, demandando medidas extraordinárias, que virão em seguida.

**Figura 6** – Cartaz do governo sobre os resultados da Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo: “O povo decidiu: o país deve ser defendido.”



Fonte: <https://magyamarancs.hu/publicisztika/az-ország-fele-veszelyes-hulladek-egy-orban-plakat-metauzenete-96609/?orderdir=novekvo&pagenr=1>. Acessado em 21 out 2020.

É interessante perceber a narrativa econômica adotada nesta consulta nacional, ao fazer referências ao “*welfare system*” e “*employment opportunities*”. No entanto, esta narrativa sofreu alguns ajustes após eventos que marcaram um redirecionamento no sentido mais cultural e securitário, como o bloqueio da estação ferroviária de Keléti, os conflitos nas fronteiras meridionais servo – húngaras, e a ocorrência de uma série de ataques terroristas em Paris em

<sup>25</sup> Tradução da autora: “Os resultados da consulta mostram que os húngaros não querem imigrantes ilegais e não querem ser parte da fúria intelectual da Esquerda Europeia. A Hungria decidiu e o povo húngaro decidiu assim. Isso significa que queremos nos manter um país seguro e estável, e uma nação equilibrada e unida, no mundo inseguro que nos cerca.

novembro do mesmo ano.<sup>26</sup> Apesar de um enquadramento da ameaça securitária dentro da categoria econômica, há um forte apelo à necessidade de defesa contra a brutalidade irracionalidade atribuídas aos imigrantes, observando-se um apelo a um discurso de proteção das vidas dos cidadãos húngaros frente a supostos terroristas, e portanto, estabelecendo uma conexão direta entre imigração e terrorismo.

Por isso, a escolha desta *national consultation* se deu pelo fato de ter sido o primeiro questionário nacional voltado à questão migratória, cuja retórica da invasão ameaçadora inaugura a campanha anti-imigração do governo Orbán durante o ano crítico para a crise dos refugiados (BOCSKOR, 2018).

### 3.2. FRONTEIRAS HÚNGARAS MERIDIONAIS

Em julho de 2015, durante o ápice da crise dos refugiados, o parlamento húngaro aprovou legislação restringindo regras em matéria de refúgio e respaldando a construção de uma cerca ao longo dos 175 quilômetros da fronteira com a Sérvia. A lei, aprovada com folga no parlamento liderado pelo partido Fidesz – 151 votos a favor e 41 votos contra – e apoiada pelo partido de extrema direita Jobbik, permite a detenção em campos temporários, e a redução da possibilidade de recurso das avaliações de requisição de asilo. Pouco depois, o governo propôs uma emenda ao Código Penal para que a imigração ilegal deixasse de figurar como delito leve, passando a ser qualificada como “ofensa criminal” (HUNGRIA, 16 jul. 2015). A cerca da questão, o premier afirmou em entrevista à Rádio Kossuth:

*Nine out of ten Hungarians find it perfectly natural that a border is a good thing, that a border needs to be protected and that a border which is protected provides security. Control must be kept over who enters a country and when they do so. Otherwise one sees a situation like that in quite a number of European countries now under invasion, with tens of thousands of people of unknown identity pouring into the territory of the EU, day in day out.*

Nesta fala, Orbán demonstra contar com o consenso dos cidadãos húngaros acerca das medidas anti-migratórias adotadas, além de reproduzir o discurso de invasão que os países membros da EU estariam sofrendo por parte de dezenas de milhares de pessoas cuja identidade é desconhecida. O premier alguns meses antes declarou em uma entrevista ao programa “180 minutes” da Radio Kossuth<sup>27</sup> :

<sup>26</sup> No dia 13 de novembro de 2015 uma série de ataques coordenados tomaram Paris de assalto, tendo como alvo o Estádio Saint-Denis, bares e restaurantes e o clube noturno Bataclan, resultando num total de 130 mortos só nesta noite.

<sup>27</sup> Estação de rádio nacional fundada em 1925, nomeada em homenagem a Lajos Kossuth, político considerado herói nacional e pai fundador da democracia húngara, pertence à *Magyar Rádío*, organismo estatal de radiodifusão.

*the European Union still fails to understand that our only chance of satisfying our citizens' legitimate demands and desire for security is by protecting our borders. Today we must concentrate all our strength on this. (...) any statement or proposal which diverts attention away from this makes us weaker. Europe needs to be strong now, as the worst possible combination of qualities is to be both rich and weak. This is the case with Europe. So, we must show strength in the protection of our borders.* (HUNGRIA, 4 Sep. 2015).

Na entrevista, Orbán critica a realocação de quotas de refugiados proposta pela União Europeia alegando que ao se debater sobre quotas, o debate sobre a proteção das fronteiras externas do bloco sofre uma debilitação, afirmando que deve-se priorizar a proteção de fronteiras, para só em seguida, prosseguir ao debate sobre redistribuição de imigrantes. Ele ainda afirma que “a Europa está sendo ameaçada pela imigração em massa em uma escala inédita” e que “dezenas de milhares de pessoas podem entrar na Europa, sendo uma soma que pode evoluir no futuro a milhões de imigrantes, de modo que algum dia os húngaros podem se ver como uma minoria em seu próprio país.” Aqui percebe-se um enquadramento da questão como ameaça societária, devido ao poder de diluição da etnia e cultura do povo húngaro por parte dos imigrantes provenientes de países majoritariamente muçulmanos. Esta colocação se remonta à questão demográfica abordada no primeiro capítulo, em que foi abordada a criação de um programa de apoio à habitação familiar (Csok)<sup>28</sup> voltada a aumentar a taxa de natalidade nacional com vistas a mitigar o declínio demográfico.

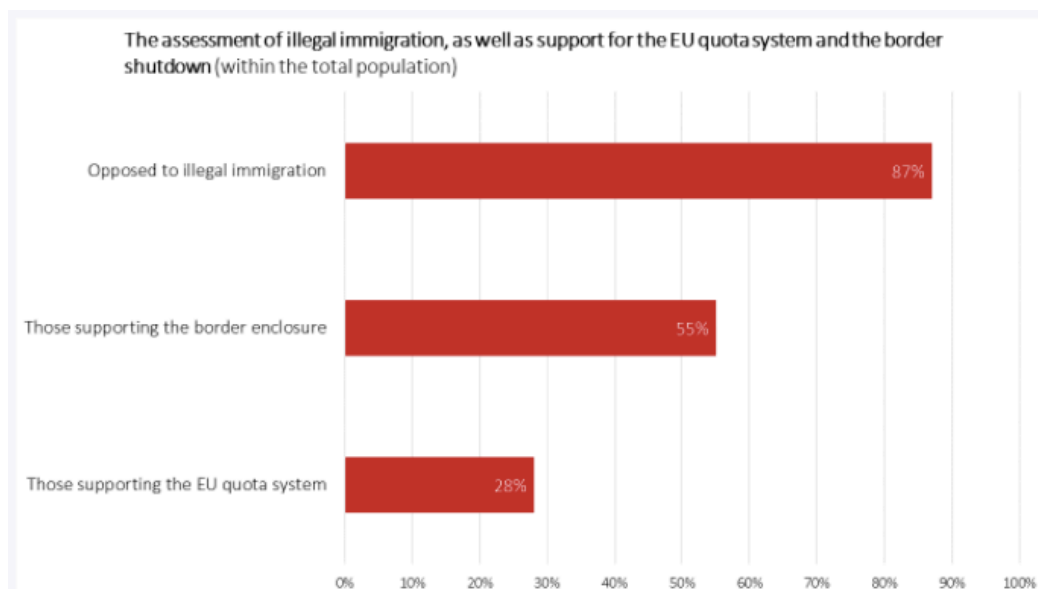
Na pesquisa de opinião realizada pela “*fact tank*” *Nézopont Intéret* em setembro de 2015, 87% dos entrevistados não apoiam a entrada de imigrantes ilegais na Hungria, devido a razões econômicas e de ameaça terrorista. Foram entrevistados 1000 indivíduos por telefone entre os dias 6 e 12 de setembro de 2015. Nesta pesquisa de opinião foi constatado apoio de 55% da população à construção da cerca que garante a segurança da fronteira meridional com a Sérvia, enquanto apenas 28% apoiam as quotas propostas pela União Europeia. Na figura 7 visualizam-se os resultados da pesquisa abordados acima.

---

O programa matinal *180 perc* (“180 minutos”) promove debates sobre questões de interesse público junto com análises econômico-políticas, além de receber frequentemente o PM Viktor Orbán.

<sup>28</sup> Acrônimo para *Családi otthonteremtési kedvezmény*, ou benefício à moradia familiar

**Gráfico 7** - Gráfico elaborado por *Nézopont Intéret* a partir dos resultados da pesquisa de opinião de setembro de 2015



**Fonte:** <https://nezopont.hu/en/national-unity-behind-government-regarding-immigration-policies/> .

Acessado em 2 nov 2020.

O governo húngaro declarou em dezembro de 2017, que a partir de março do mesmo ano, 12.398 indivíduos tentaram cruzar as fronteiras meridionais húngaras. Para isto, foram mobilizados destacamentos da polícia e militares para evitar que cruzassem as fronteiras em 6.391 ocorrências. Desta forma percebe-se que o processo de securitização da questão migratória se estendeu a partir de 2015 até 2017, pois o governo continuou a implementar forças armadas em suas fronteiras meridionais, dando continuidade à realização de consultas nacionais cuja temática versa sobre a questão migratória e sobre o caráter de urgência das medidas a serem adotadas.

### 3.3. COMPLEXO DE TRIANON E O TRAUMA CULTURAL

Neste tópico, o discurso a ser analisado será o discurso histórico em homenagem ao centenário do Tratado de Trianon, celebrado no dia 6 de junho de 2020. Orbán em seu discurso rememorou a força milenar do povo húngaro, sem esquecer da tragédia nacional sofrida pela nação ao ser “sentenciada à morte” pelo Tratado de Paz:

*Finally, the thousand-year-old historical Hungary was stabbed in the back by the conspiracies in Budapest (...) the country was handed over to our enemies, the government to the Bolsheviks. The West raped the thousand-year-old borders and history of Central Europe. They forced us to live between indefensible borders, deprived us of our natural treasures, separated us from our resources, and made a death row out of our country. Central Europe was redrawn without moral concerns,*

*just as the borders of Africa and the Middle East were redrawn. We will never forget that they did this (HUNGRIA, 2020).*<sup>29</sup>

Neste trecho percebe-se a retórica utilizada no conceito de trauma cultural de acordo com Jeffrey Alexander, segundo o qual membros de uma coletividade foram submetidos a um determinado evento traumático, ao usar a expressão “*stabbed in the back*” (“apunhalado nas costas”) e “*the West raped the Thousand-year-old borders*” (“o ocidente estuprou as fronteiras milenares da Hungria”) indicando uma grande violência imposta por atores externos ao país e à sua população, cujas marcas impressas na consciência coletiva são indelévels e moldam a memória definitiva, como é possível constatar cem anos após o evento. Em seu discurso, Orbán exemplifica uma narrativa ideológica autoconsciente presente na história nacionalista, que reivindicará a existência de um trauma nacional e sua reparação.

A teoria do trauma coletivo prevê a difusão de representações simbólicas do evento social pertencente ao passado, neste caso exemplificado pelo compartilhamento em mídias sociais de imagens do mapa da Hungria pré-Trianon chamada de “*Greater Hungary*”. Não apenas o primeiro ministro se utiliza de divulgações de representações simbólicas da Hungria pré-trauma, como também membros de seu governo, como é o caso de Árpád Potápy, secretário de Estado para políticas nacionais junto à Chancelaria do Primeiro Ministro, ao publicar vídeos em sua página *facebook* com conteúdos revisionistas (SADECKI, 2020). Tais atores configuram-se como o *carrier group* que promove a divulgação de uma iconografia que criará uma narrativa histórica utilizando-se de eventos previamente explorados durante o período revisionista Horthysta do entre guerras, frisando um forte caráter nacionalista do governo.

---

<sup>29</sup> Tradução da autora: “A Hungria histórica milenar foi esfaqueada nas costas pelas conspirações em Budapeste (...) o país foi entregue aos nossos inimigos, e o governo aos bolcheviques. O Ocidente estuprou as fronteiras milenares e a história da Europa Central. Forçaram-nos a viver dentro de fronteiras indefensáveis, destituíram-nos de nossos tesouros naturais, apartaram-nos de nossos recursos, e fizeram de nosso país um patíbulo. A Europa Central foi redesenhada sem preocupações morais, assim como ocorreu com as fronteiras da África e Oriente Médio. Nunca esqueceremos o que nos fizeram.”



**Figura 8** - Publicação na página oficial do primeiro ministro retratando o mapa pré-Trianon no Facebook



56. Az érettségizők történelmet írnak. Hajrá // 56. A historic exam. Good luck!

👍 10 K    💬 3,6 K    ➡ 1 K

**Fonte:** <https://balkaninsight.com/2020/05/07/orbans-greater-hungary-map-creates-waves-in-neighbourhood/>. Acessado em 15 nov 2020.

O elemento de vitimismo presente no processo de construção do trauma cultural proposto por Jeffrey Alexander encontra-se presente no discurso analisado, ao ser reivindicada a posição de vítima de uma grave agressão, chamado pelo autor de *social pain*, que representa uma ameaça fundamental à identidade coletiva. São quatro os exemplos das ações coletivas que se enquadram em processos culturais e institucionais promovidos pelo *carrier group*.

Primeiramente, a coalizão partidária vitoriosa (Fidesz e Partido Democrata Cristão) das eleições gerais de abril de 2010 enviou uma proposta de emenda à Lei de Cidadania no dia 17 de maio de 2010, e sem que houvesse tempo para debate público, foi aprovada o Ato XLIV de 2010 como emenda ao Ato LV de 1993 sobre Nacionalidade Húngara em sessão plenária do dia 26 de maio de 2010.<sup>30</sup> A emenda determina que a naturalização preferencial será oferecida ao cidadão não-húngaro cujo ascendente era cidadão húngaro ou cuja origem húngara é provável, comprovando conhecimento da língua húngara. Ao contrário das naturalizações habituais não são exigidas nem residência nem subsistência dentro do território húngaro. Na nota explicativa ao projeto de lei a modalidade de naturalização preferencial encontra

<sup>30</sup> **Changes in the Hungarian Citizenship Law and adopted on 26 May 2010.** Julho 2010. Disponível em: <https://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/19616/Hungary.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28 nov. 2020.

embasamento em referendun promovido em dezembro de 2004 sobre dupla cidadania para húngaros étnicos vivendo nos Estados limítrofes, que contou com a aprovação da maioria.

Em segundo lugar, em 2019, o Parlamento anunciou que 2020 seria o Ano da Unidade Nacional, especificando no projeto de lei a homenagem ao “*peace dictate*”<sup>31</sup>. Além disso, em 2018, foi apresentada uma ópera modernizada sobre o Tratado de Trianon na Praça dos Heróis em Budapest contendo referências revisionistas, e sendo em seguida exibido nas redes públicas de televisão M5<sup>32</sup>, por ocasião do nonagésimo oitavo aniversário do tratado.<sup>33</sup>

A emenda à Lei de Nacionalidade Húngara previamente citada dialoga com a inauguração do monumento em homenagem ao Tratado de Trianon durante as celebrações do centenário do tratado. O monumento, chamado de Monumento da Unidade Nacional, foi inaugurado em frente ao Parlamento húngaro, consistindo em uma rampa em cujas paredes estão inscritos os nomes húngaros de todas as cidades, vilarejos e localidades que pertenceram ao Reino da Hungria em 1913, quando o Reino havia conquistado seu maior território, representando o ápice da identidade húngara pouco antes da maior tragédia nacional. Desta forma, o monumento passa uma clara mensagem quanto à dimensão geográfica da comunidade nacional unida húngara, ao escolher homenagear localidades que atualmente encontram-se situadas em territórios vizinhos, enfatizando a unidade nacional húngara transfronteiriça, que encontra apoio relevante dentre eleitorado de extrema-direita húngaro (SADECKI, 2020).

Ainda considerando a teoria de Jeffrey Alexander, por haver importância da dimensão discursiva, na *Speech Act Theory*, deve ocorrer um convencimento da audiência sobre a natureza traumática do evento em questão. Para medir o convencimento da população acerca da abordagem do governo sobre a questão de Trianon, uma pesquisa foi realizada pelo MTA - *Magyar Tudományos Akademia*<sup>34</sup> - em junho de 2020, no qual 85% dos entrevistados consideram o Tratado de Trianon como a maior tragédia na história do país, e 94% dos entrevistados acreditam que o tratado possuiu caráter excessivo e injusto. Além disso, 54% dos entrevistados concordou que as decisões tomadas em 1920 jamais deveriam ser aceitas (contra 41% que se posiciona de forma oposta).<sup>35</sup>

<sup>31</sup> Termo usado para se referir aos tratados de paz pós Primeira Guerra Mundial, geralmente usado pela direita.

<sup>32</sup> O canal M5 é um dos cinco canais da emissora de televisão nacional mais antiga *Magyar Televízió*.

<sup>33</sup> **A tévében is bemutatják a Trianon-rockoperát hétvégén.** 28 nov. 2018, Disponível em: < <https://www.origo.hu/kultura/20181128-az-m5on-mutatjak-be-a-trianon-rockoperat.html> > Acesso em: 28 nov. 2020.

<sup>34</sup> Em português, Academia Húngara de Ciências.

<sup>35</sup> **Survey finds 94 percent of Hungarians believe WWI Trianon Peace Treaty was “unjust and excessive”.** 03 jun. 2020. < <http://abouthungary.hu/news-in-brief/survey-finds-94-percent-of-hungarians-believe-wwi-trianon-peace-treaty-was-unjust-and-excessive/> > Acesso em: 28 nov. 2020.

Tais ações promovidas pelo governo desde 2010, simbolizam uma radicalização do partido Fidesz, deslocando-se na direção do espectro político da extrema direita ao fazer acenos diretos ao eleitorado nacionalista devido as ações institucionalizadas previamente citadas e referências e compartilhamento de símbolos revisionistas.

### 3.4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS DE VIKTOR ORBÁN A PARTIR DO SOFTWARE IraMuteQ

Após a apresentação de algumas estruturas narrativas presentes no discurso do premier húngaro, o trabalho passa à análise de conteúdo de um corpus textual composto por quatro discursos seus em momentos relevantes para a compreensão do gerenciamento da questão migratória, sendo para isto utilizado o software IraMuteQ.

Dentre os diversos tipos de análises oferecidas pelo software IraMuTeQ, foi escolhido o método de análise hierárquica descendente (DHA – *descending hierarchical analysis*). Usando matrizes que cruzam formas reduzidas, o método DHA permite a obtenção de *clusters* contendo vocabulários semelhantes. Para que se torne possível a visualização das relações entre tais *clusters*, o método gera um dendrograma (Figura 9). Desta forma, é possível analisar o conteúdo dos discursos a partir de uma análise fatorial de correspondência. Reinert (1990) ao elaborar o método, considerou cada cluster como um “mundo”, um arcabouço cognitivo-perceptivo com certa estabilidade temporal relacionado a um ambiente complexo, levando em consideração as expressões linguísticas. Esses agrupamentos podem indicar representações sociais, e assim, auxiliar na compreensão da natureza dos discursos.

O conteúdo a ser analisado será o de quatro discursos proferidos pelo primeiro-ministro húngaro nos anos de 2015 e 2016, por ocasião da crise dos refugiados, sendo eles: Discurso do Primeiro-ministro Viktor Orbán no Parlamento Europeu<sup>36</sup> em maio de 2015, o discurso do premier ao parlamento húngaro<sup>37</sup> no dia 22 de setembro de 2015, o segundo

<sup>36</sup> HUNGRIA. Minister Viktor Orbán Speech in the European Parliament. **Website of the Hungarian Government**, 19 May 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-in-the-european-parliament>. Acesso em: 18 nov, 2020.

<sup>37</sup> HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán’s address to Parliament before the start of daily business. **Website of the Hungarian Government**, 21 Sep. 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-to-parliament-before-the-start-of-daily-business>. Acesso em: 18 nov. 2020.

discurso do premier ao parlamento em novembro do mesmo ano<sup>38</sup>, e o discurso ao parlamento sobre o referendun de quotas em outubro de 2016<sup>39</sup>.

O primeiro discurso foi escolhido pela defesa feita por Orbán de uma “Europa para os europeus” frente à ameaça terrorista que motivou o início da campanha anti-imigração, que culminou alguns meses depois no lançamento da consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo previamente analisada. Este discurso marca o início do que viria ser o embate entre Hungria e União Europeia em relação às políticas migratórias. O segundo discurso, proferido no parlamento nacional é de grande relevância à pesquisa por localizar-se temporalmente durante o ápice da crise dos refugiados e em ocasião da instalação da cerca ao longo da fronteira servo-húngara. Nota-se a clara presença de um tom securitizador do premier ao exortar o público a apoiá-lo na luta contra a imigração de massa, ao finalizar o seu discurso com as seguintes palavras: “*Finally, I ask you, regardless of your party affiliation, to support the Government in the fight against mass immigration. Because we only have one country, and it is the duty of us all to protect it.*”<sup>40</sup> Já o terceiro discurso foi proferido ao parlamento húngaro e televisionado após a sequência de ataques terroristas islâmicos coordenados em Paris, com forte apelo à ameaça existente na Europa, ao iniciar seu discurso afirmando que a União Europeia foi atacada. O último discurso foi selecionado por ter sido proferido no dia seguinte ao lançamento dos resultados do *qvotareferendum*, previamente citado.

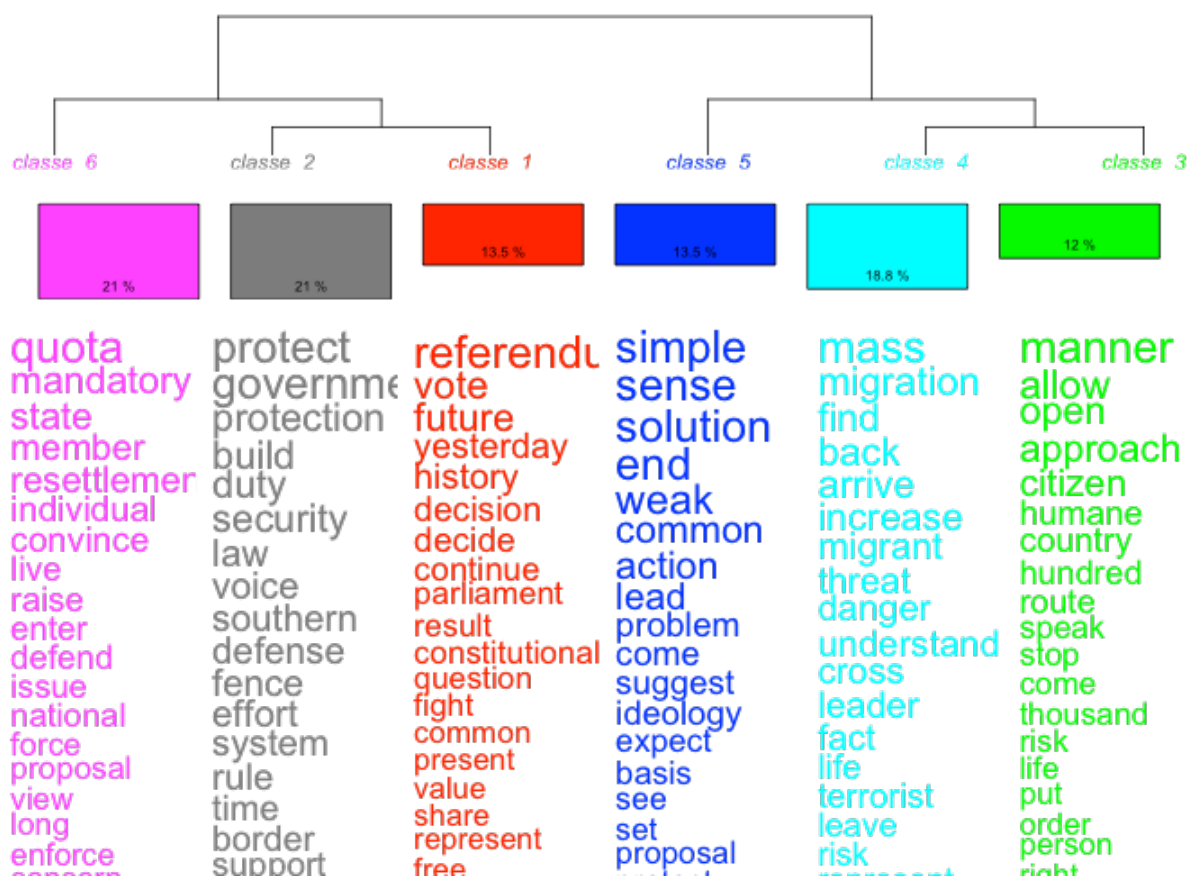
---

<sup>38</sup> HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán’s address to Parliament before the start of daily business. **Website of the Hungarian Government**, 16 Nov. 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-in-parliament-before-the-start-of-daily-business>. Acesso em: 18 nov. 2020.

<sup>39</sup> HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán’s address to Parliament before the start of daily business. **Website of the Hungarian Government**, 03 Oct. 2016. Disponível em: < <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-in-parliament-before-the-start-of-daily-business-20161004> > Acesso em: 18 nov. 2020.

<sup>40</sup> Tradução da autora: “Finalmente eu peço que apoiem o governo, independentemente da afiliação partidária, na luta contra a imigração de massa. Porque nós temos apenas um país e protegê-lo é o dever de todos nós.”

**Figura 9** - Dendograma de Classificação Hierárquica Descendente (DHA) dos discursos



**Fonte:** Elaborado pela autora.

O corpus geral foi constituído por quatro textos, separados em 165 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 133 STs (80,61%). Emergiram 6.094 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1.299 palavras distintas. O conteúdo analisado foi categorizado em seis classes: Classe 1, com 18 ST (13,53 %); Classe 2, com 28 ST (21,05 %); Classe 3, com 16 ST (12,03 %); classe 4, com 25 ST (18,80 %); classe 5, com 18 ST (13,53 %) e classe 6, com 28 ST (21,05 %).

Vale ressaltar que essas seis classes se encontram divididas em 2 ramificações gerais (A e B). A ramificação geral A é composta pelas classes 1, 2 e 6. Já a ramificação geral B, é composta pelas classes 3, 4 e 5. Boa parte das palavras da classe 1 pertence ao discurso de

número 4. Já a maioria das palavras da classe 4 pertence ao discurso de número 3. A maioria das palavras da classe 5 pertence ao discurso de número 2, e boa parte das palavras da classe 6 pertence ao discurso de número 1. As classes 2 e 3 encontram-se relacionadas entre si, pois a maior parte de seus termos encontra-se no terceiro discurso. As classes 2 e 4 possuem rol de termos que expressam sentidos de hostilidade e ordem, como os termos “*protect*”, “*security*”, “*fence*”, “*defense*”, “*law*”, “*duty*” (presentes na classe 2), e os termos “*threat*”, “*danger*”, “*migration*”, “*terrorist*” e “*illegaly*” (presentes na classe 4). Portanto, nestas duas classes encontra-se a maior parte dos termos relativos ao léxico próprio da securitização. A classe 5 possui rol de termos que representam ação e solução e tomada de atitude, como “*suggest*”, “*action*”, “*expect*”, “*proposal*”, “*support*”, “*lead*”, “*end*”, “*solution*”. A classe 6 diz respeito à nação, contendo termos como “*national*”, “*territory*”, “*force*”, “*enter*”, “*state*”, “*resettlement*”, “*member*”.

Para melhor compreensão da temática securitizadora nos discursos serão analisadas a presença das palavras “*protect*”, “*security*”, “*defense*”, “*threat*” e “*danger*” e “*culture*” no corpus textual.

A palavra “*protect*” aparece majoritariamente nos discursos 2, 3 e 4, aparecendo dentro da classe 2, com uma frequência de 63,16%, geralmente combinada com as variações “*the hungarian people*”, “*the borders*”, “*the europeans*”, “*is our duty*” e “*security and*”. As palavras “*defense*” e “*defend*” aparecem combinadas com as mesmas variações. Pode ser observado o exemplo:

A palavra “*security*” aparece em 8 segmentos de texto no corpus total, possuindo uma frequência dentro da classe 2 equivalente a 75%, e aparecendo majoritariamente nos textos 2 e 4. A palavra “*threat*” aparece em 7 segmentos de texto do corpus total, possuindo uma frequência dentro da classe 4 correspondente a 71,43%. A palavra “*danger*” está associada com as variáveis “*mass migration*” e “*Europe*”, aparecendo em 5 segmentos de texto do corpus total. A palavra “*culture*” aparece associada às variáveis “*protect our*”, “*the european*” e “*our duty*”.

Compreendemos a essência do segundo discurso, fala de caráter securitizador, ao analisar o emprego dos termos “*protect*”, “*security*” e “*cultural*” em um mesmo segmento: “*First of all, we must protect the external borders of the European Union, because security begins with the protection of the borders. Secondly, we must protect our culture, because Europe essence lies in its spiritual and cultural identity.*” (HUNGRIA, 21 Sep. 2015).

A análise de conteúdo destes discursos explicita o uso de uma *security language* (linguagem de segurança) nos discursos do premier, sendo este um dos traços de um ato discursivo, em que o ator securitizante tenta convencer a audiência acerca da necessidade de

adoção de medidas extraordinárias para enfrentar a ameaça representada pelos imigrantes que estariam invadindo a Hungria e a Europa e, conseqüentemente colocando em risco a identidade cristã europeia. Deve-se frisar que o ano de 2015 marcou a passagem da questão migratória, de acordo com o modelo de securitização - que é possível ser consultado na Figura 3 (presente no capítulo 2) – de uma questão dentro da esfera politizada para a esfera securitizada. A retórica anti-imigração em 2014 era já presente no debate público dentro dos padrões do sistema político. Em 2015, eventos como o atentado à sede do periódico Charlie Hebdo, o aumento do fluxo de indivíduos provenientes da *Western Balcan Route* pressionando as fronteiras meridionais húngaras, e a sequência de atentados terroristas em novembro na cidade de Paris contribuíram para uma radicalização do discurso de Orbán e adoção de medidas extraordinárias, o que o levou a flertar com a extrema-direita húngara ao apropriar-se de discursos radicalizados previamente pertencentes a este espectro político.

Considerando o arcabouço teórico da securitização, pode-se verificar se o primeiro ministro húngaro obteve apoio ao processo de securitização da questão migratória considerando os resultados das consultas nacionais de 2015, 2016 e 2017 previamente citadas (que comprovam a aprovação da implementação das medidas extraordinárias por parte do governo), pesquisas de opinião acerca das políticas migratórias implementadas pelo governo, e a reeleição de seu partido Fidesz pelo terceiro mandato consecutivo nas eleições parlamentares de 2018. A aliança Fidesz – KDNP<sup>41</sup> garantiu a super maioria de 2/3 no parlamento, garantindo 133 cadeiras, após usar de discurso anti-imigração em sua campanha.

Os questionários que avaliam a opinião pública são utilizados pelo governo para guiar decisões políticas. Após a consulta nacional de 2015 sobre imigração e terrorismo, houve três consultas adicionais com temática migratória, que marcam a realização de pesquisas de opinião, cujos resultados demonstram a aprovação por parte da população em relação às medidas adotadas. Um exemplo da interpretação do premier em relação aos resultados das consultas nacionais está presente em sua declaração publicada na página da rede social *Facebook* oficial do premier em que ele afirma após a saída dos resultados da consulta nacional “*Soros Plan*” previamente citada : “*now I can take with me in my backpack the opinion of those two million three hundred thousand Hungarian people who have made it clear that they do not want a Soros Plan and do not support the fact that Brussels should implement a plan of this nature.*”<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> *Kereszténydemokrata Néppárt* – em português, “Partido Democrata Cristão Popular”

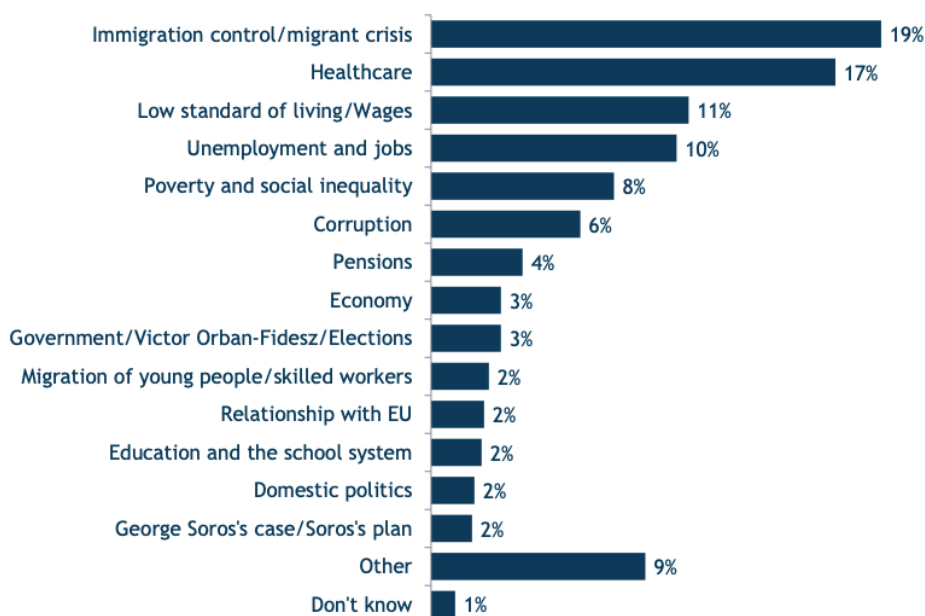
<sup>42</sup> Tradução da autora: “Agora posso levar no meu bolso a opinião destes dois milhões e trezentos mil húngaros que deixaram claro que não aceitam o Plano Soros e não apoiam a implementação de um plano desta natureza por parte de Bruxelas.”

(HUNGRIA, 2017). Orbán ainda frisou que a Hungria é o único país na Europa no qual o governo “ousou” consultar a opinião de sua população em relação à imigração.<sup>43</sup>

De acordo com uma pesquisa de opinião pública realizada pelo *Center For Insights in Survey Research*, como parte do projeto do *International Republican Institute*, entre novembro e dezembro de 2017, pode-se compreender as percepções gerais da população em relação ao estado em que se encontra o país. Na figura 10 é possível visualizar as respostas à seguinte pergunta: “Na sua opinião, qual é o problema mais urgente que a Hungria está enfrentando?”, tendo como a resposta mais cotada a crise migratória e o controle migratório, com 19% das respostas.

**Gráfico 10** – Pesquisa sobre Opinião Pública na Hungria - *International Republican Institute*, 2017

**In your opinion, what is the most urgent problem facing Hungary?**  
(Open-ended, first answer)



Fonte: [https://www.iri.org/sites/default/files/wysiwyg/hungary\\_poll\\_presentation.pdf](https://www.iri.org/sites/default/files/wysiwyg/hungary_poll_presentation.pdf). Acessado em

16 nov 2020.

Por fim, considerando o arcabouço teórico da Escola de Copenhague, Na Hungria de Orbán, o processo de securitização mesclou-se em seus dois setores mais proeminentes: setores social e militar, configurando-se um caso de securitização societária e militar, respectivamente.

<sup>43</sup> HUNGRIA, Viktor Orbán is taking the opinion of 2,3 million Hungarians to Brussels. **Website of the Hungarian Government**, 14 dez 2017. Disponível em: < <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/news/viktor-orban-is-taking-the-opinion-of-2-3-million-hungarians-to-brussels> > Acesso em: 27 nov. 2020.



Os objetos referentes consistiram na malha social e identidade nacional (segurança societária), bem como no Estado e sua soberania nacional (segurança militar). O ator securitizante foi o primeiro-ministro Viktor Orbán; a audiência consistiu na opinião pública húngara.

Logo, respondendo à pergunta de pesquisa, este capítulo demonstra empiricamente como Viktor Orbán instrumentaliza a securitização da questão migratória. Orbán se utiliza de consultas nacionais e *referenda* como instrumento político para justificar a adoção de medidas extraordinárias anti-imigração securitizantes, enquadrando seus discursos em uma retórica identitária baseada em narrativas históricas. Isto se dá no contexto de apropriação de temáticas previamente pertencentes à extrema-direita, principalmente no que tange à evocação e manipulação do evento traumático representado pela assinatura do Tratado de Trianon, que passa de um tema muito caro à parcela irredentista húngara, à base dos discursos de unificação nacional titulada pelo partido Fidesz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traz a análise das perspectivas históricas húngaras dignas de análise devido à sua influência na compreensão atual que o povo húngaro tem de si mesmo, cujo reflexo é o apoio comprovado neste trabalho às medidas nacionalistas, antidemocráticas e populistas do primeiro-ministro Viktor Orbán desde a sua chegada ao poder em 2010, que culminaram no gerenciamento da crise dos refugiados através de medidas securitizantes, analisadas sob a ótica da teoria da securitização teorizada pela Escola de Copenhague.

Para tanto, foi realizada uma análise de conteúdo dos discursos do premier em momentos determinantes da história recente húngara, reforçando a tese inicial da manipulação de discursos históricos na construção de tais discursos com vistas à securitização da questão migratória, dentro de um quadro de radicalização do partido Fidesz, ao utilizar-se de narrativas irredentistas associadas ao período autoritário horthysta pós Tratado de Trianon.

Nestes discursos ficou clara a intenção de “iliberalização” da democracia húngara já consolidada, trazendo um fator de instabilidade para dentro da União Europeia provocados pelos choques entre o premier e os líderes do bloco quanto à políticas migratórias.

No capítulo empírico a exploração da Consulta Nacional sobre Imigração – evento que marca o início da campanha anti-imigração do partido - e do Complexo de Trianon foram trazidas à luz mediante uma análise crítica de discurso. Em seguida foi realizada a análise de dados com o auxílio do software IraMuteQ, adotando o método de análise hierárquica descendente (DHA), possibilitando a visualização dos esforços de securitização de Orbán.

Desta forma, este trabalho pôde fornecer a sua parcela de contribuição à academia ao analisar a instrumentalização da narrativa histórica, dentro do contexto de populismo identitário, com vistas a promover uma securitização da questão migratória.

Considerando a definição do conceito de extrema-direita, como abordado no segundo capítulo, pode-se considerar um deslize ideológico na direção do espectro extremista, justamente devido às medidas antidemocráticas e nacionalistas adotadas pelo governo de Orbán desde 2010, cujo ápice foi atingido no recorte temporal escolhido pelo presente trabalho. Com a crise dos refugiados de 2015, o primeiro ministro pôde fortalecer seu discurso nacionalista e antidemocrático, promovendo uma iliberalização da democracia húngara, através do discurso anti-imigração, utilizando-se dos eventos de 2015 como justificativa para instrumentalizar narrativas históricas. Observou-se, portanto, o enquadramento da securitização militar e

societária da questão migratória na realização do projeto progressivo de iliberalização da Hungria.

O percurso traçado pelo trabalho consistiu em uma retomada histórica húngara desde a fundação do Reino Húngaro Cristão até a crise dos refugiados de 2015, para então, passar ao embasamento teórico que forneceu os alicerces para o capítulo último de análise empírica. Nele, o principal aspecto observado foi o êxito do processo securitizador, como enunciado pela Escola de Copenhagen, pois este depende de dois âmbitos bem-sucedidos: primeiramente o âmbito discursivo, e em seguida, uma *policy implementation* igualmente bem-sucedida.

Este trabalho forneceu uma parcela de contribuição à academia ao observar o processo de securitização unilateral das fronteiras húngaras meridionais, enquadrando-o nos arcabouços teóricos da teoria da securitização, da Escola de Copenhagen, da teoria do trauma coletivo, de Jeffrey Alexander, do populismo, de Cas Mudde e de Democracia Iliberal, de Fareed Zakaria. A abordagem discursiva fez-se de suma importância para o trabalho, pois os traços nacionalistas e antidemocráticos podem ser observados nos discursos do premier húngaro, traços estes que foram analisados e transformados em dados concretos a partir do processamento do *corpus* textual constituído de discursos selecionados, utilizando-se do software IraMuTeQ.

Logo, o trabalho promoveu uma inovação no debate acadêmico sobre securitização, ao enriquecer o debate a partir da abordagem da análise de conteúdo, utilizando-se do software supracitado, para que se pudesse empregar a análise de Reinert. O software permitiu que a *security language* característica dos atos discursivos, de acordo com a Escola de Copenhagen, pudesse ser facilmente visualizada a partir do dendograma gerado, e desta forma, o uso estratégico de abordagem culturalista identitária dentro de uma agenda nacional conservadora se revelasse com clareza.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Jeffrey; EYERMAN, Ron; SZTOMPKA, Piotr. **Cultural Trauma and Collective Identity**. University of California, 2004.

ALONSO, Ângela; ALMEIDA, Ronaldo de; LIMA, Márcia. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: CEBRAP/Sesc São Paulo, 2016.

ANITA, Schirm. **Pár(T)Beszédes Plakátok: A 2015-Ös Bevándorlási Hullámhoz Kapcsolódó Propagandaplakátok És Internetes Mémek Diskurzusa**. Manuscrito, s/d. Disponível em: [http://schirmanita.hu/Schirm\\_Anita/Publikaciok\\_files/schirm\\_partbeszedes\\_plakatok.pdf](http://schirmanita.hu/Schirm_Anita/Publikaciok_files/schirm_partbeszedes_plakatok.pdf). Acesso em: 24 out 2020.

BACCI, Massimo Livi. **L’Ungheria anti-migranti di Orbán alla prova della demografia**. Disponível em: <https://www.limesonline.com/rubrica/lungheria-anti-migranti-orban-demografia-cristiana-europa.> Acesso em: 18/09/2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2011.

BOCSKOR, Ákos. Anti-Immigration Discourses in Hungary during the “Crisis” Year: The Orbán Government’s “National Consultation” Campaign of 2015. **Sociology**, v. 52, n. 3, p. 551–568, 2018.

BOZOKI, András; HEGEDUS, Dániel. Um regime híbrido com limitações externas: A Hungria na União Europeia. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 55, p. 99-114, set. 2017.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap De. **Security: a New Framework For Analysis**. Lynne Rienner, 1998.

CASAGLIA, Anna et al. Interventions on European nationalist populism and bordering on time of emergencies. **Political geography**, v. 82, 2020.

COLLINS, Alan. **Contemporary Security Studies**. cap. 9. Securitization. Emmers (2004), Oxford University Press. 2016.

EU-Lex. **The 2004 Enlargement: the challenge of a 25-member EU**. 23 jan. 2007. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=LEGISSUM%3Ae50017>. Acesso em: 19 set. /2020.

FUKUYAMA, Francis. **Identity: the Demand for Dignity and the Politics of Resentment**. New York: Farrar Straus and Giroux, 2018.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, SP, 1987.

HELLER, Ágnes. **Orbanismo**. Il caso dell'Ungheria. Dalla democrazia liberale alla tirania. Castelvechi, 2019.

HUNGRIA. **The Programme of National Cooperation**. Budapest: Office of the National Assembly of Hungary, 2010. Disponível em: [https://www.parlament.hu/irom39/00047/00047\\_e.pdf](https://www.parlament.hu/irom39/00047/00047_e.pdf). Acesso em: 8 nov 2020.

HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán's Speech at the 25th Bálványos Summer Free University and Student Camp. **Website of the Hungarian Government**, 30 Jul. 2014. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-25th-balvanyos-summer-free-university-and-student-camp>. Acesso em: 29 out. 2020.

HUNGRIA. Minister Viktor Orbán Speech in the European Parliament. **Website of the Hungarian Government**, 19 May 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-in-the-european-parliament>. Acesso em: 18 nov, 2020.

HUNGRIA. Illegal border-crossing may qualify as a criminal offence. **Website of the Hungarian Government**, 16 Jul. 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/news/illegal-border-crossing-may-qualify-as-a-criminal-offence>. Acesso em: 13 nov 2020.

HUNGRIA. If we do not protect our borders, tens of millions of migrants will come. **Website of the Hungarian Government**, 4 Sept. 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/if-we-do-not-protect-our-borders-tens-of-millions-of-migrants-will-come>. Acesso em: 12 nov 2020.

HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán's address to Parliament before the start of daily business. **Website of the Hungarian Government**, 21 Sep. 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-to-parliament-before-the-start-of-daily-business>. Acesso em: 18 nov. 2020.

HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán's address to Parliament before the start of daily business. **Website of the Hungarian Government**, 16 Nov. 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime->

minister-viktor-orban-s-address-in-parliament-before-the-start-of-daily-business. Acesso em: 18 nov. 2020.

HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán's address to Parliament before the start of daily business. **Website of the Hungarian Government**, 03 Oct. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-in-parliament-before-the-start-of-daily-business-20161004>. Acesso em: 18 nov. 2020.

HUNGRIA. Prime Minister Viktor Orbán's Commemoration Speech. **Website of the Hungarian Government**, 6 Jun. 2020. Disponível em: <http://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/primeminister-viktor-orbans-commemoration-speech-trianon/>. Acesso em: 13 nov 2020.

KALLIS, Aristotle. Populism, Sovereigntism, and the Unlikely Re-Emergence of the Territorial Nation-State. **Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences**, v. 11, p. 285–302, 2018.

KISS, Gábor István. Prime Minister Viktor Orbán on Kossuth Rádió's "180 minutes". Kormany - **Website of the Hungarian Government**, Budapest, 18 set. 2015. Disponível em: <https://www.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-on-kossuth-radio-s-180-minutes>. Acesso em: 10 fev 2020.

KREKÓ, Péter. **Rethinking the Far Right in Hungary**. Defeating Orbán is impossible without Jobbik's votes. Budapest: Friedrich Ebert Stiftung, 2017.

LENDVAI, Paul. **Orbán: Europe's New Strongman**. Hurst, 2017

LENDVAI, Paul; MAJOR, Ann. **The Hungarians: A Thousand Years of Victory in Defeat**. Princeton: Princeton University Press, 2003.

MACDOWALL, Andrew. Voters back Viktor Orbán's rejection of EU migrant quotas. **Politico**, Brussels, 2 Oct. 2016. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/hungary-referendum-eu-migration-viktor-orban/>. Acesso em: 17 nov 2020.

MIGRANT CRISIS: Hungary to deploy military to secure borders. **Irish Times**, Dublin, 21 set. 2015. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/news/world/europe/migrant-crisis-hungary-to-deploy-military-to-secure-borders-1.2359862>. Acesso em: 25 out 2020.

MINKENBERG, Michael. **The Radical Right in Eastern Europe: Democracy under Siege?** Palgrave Macmillan, 2017.

PAPO, Adriano; PAPO, Gizella Nemeth. **Storia e cultura dell'Ungheria**: dalla preistoria del bacino carpatodanubiano all'Ungheria dei giorni nostri. Calabria: Rubbettino, 2000.

PIERSON, Paul. Increasing Returns, Path Dependence, and the Study of Politics. **The American Political Science Review**, v. 94, n. 2, p. 251-267, jun./2000.

PIRRO, Andrea L. P. **The Populist Radical Right in Central and Eastern Europe**. Ideology, Impact and Electoral performance. Editora Routledge. 2015.

REINERT,, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. **Bulletin de méthodologie sociologique**,

SADECKI, Andrzej. **The Long Shadow of The Treaty of Trianon**: Hungary's Struggles with the Past. Warsaw. Centre for Eastern Studies. 2020.

TRAUB, James. Hungary's 500-year-old victim complex. **Foreign Policy**, 28 Oct. 2015. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2015/10/28/hungarys-500-year-old-victim-complex-nazis-habsburgs/>. Acesso em: 24 out 2020.

UNIÃO EUROPEIA. Tratado da União Europeia (TUE). Versão Consolidada. **Jornal Oficial da União Europeia**, 2016. Disponível em: < [https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:9e8d52e1-2c70-11e6-b497-01aa75ed71a1.0019.01/DOC\\_2&format=PDF](https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:9e8d52e1-2c70-11e6-b497-01aa75ed71a1.0019.01/DOC_2&format=PDF). Acesso em: 11 out 2020

UNITED NATIONS. **MIGRATION Activities**: Hungary. International Organization for migration – UN Migration, Sept./2014. Disponível em:< <https://www.iom.int/countries/hungary>>. Acesso em: 27 maio 2020

VASCONCELOS, Fábio. Mídia e neopopulismo: uma relação de uma mútua dependência. **Revista Com Política**, n. 3, v. 2, jul./dez. 2013.

ZAKARIA, Fareed. **The Rise of Illiberal Democracy**. Foreign Affairs. 1997.

ZULIANELLO, Mattia. Anti-System Parties Revisited: Concept Formation and Guidelines for Empirical Research. **Government and Opposition**, v. 53, n. 4, p. 653–681, 2018.

ZULIANELLO, Mattia. Varieties of Populist Parties and Party Systems in Europe: From State-of-the-Art to the Application of a Novel Classification Scheme to 66 Parties in 33 Countries. **Government and Opposition**, v. 55, n. 2, p. 327-347, Apr./2019



## ANEXO

**Anexo 1** - Preâmbulo à Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo, Gabinete do Primeiro-ministro, tradução oficial, 2015

Dear Hungarian Citizen,

In 2010 we Hungarians decided to discuss every important issue before decisions are taken. This is why we launched national consultations on issues which have included Hungary's new Fundamental Law, social security as a matter concerning us all, and the improvement of the situation of pensioners. And this is why we are now launching another national consultation, this time on the issue of economic immigration.

I am sure you will remember that at the beginning of the year Europe was shaken by an unprecedented act of terror. In Paris the lives of innocent people were extinguished, in cold blood and with terrifying brutality. We were all shocked by what happened. At the same time, this incomprehensible act of horror also demonstrated that Brussels and the European Union are unable to adequately deal with the issue of immigration.

Economic migrants cross our borders illegally, and while they present themselves as asylum-seekers, in fact they are coming to enjoy our welfare systems and the employment opportunities our countries have to offer. In the last few months alone, in Hungary the number of economic migrants has increased approximately twentyfold. This represents a new type of threat – a threat which we must stop in its tracks.

As Brussels has failed to address immigration appropriately, Hungary must follow its own path. We shall not allow economic migrants to jeopardise the jobs and livelihoods of Hungarians.

We must make a decision on how Hungary should defend itself against illegal immigrants. We must make a decision on how to limit rapidly rising economic immigration.

Please contact us and give us your response to the questions we are asking. Please complete and return the questionnaire. I am counting on your opinion.

With regards,

Viktor Orbán

**Figure 1.** Foreword to the national consultation, Prime Minister's Office, 2015, official translation.

Fonte: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038518762081>

**Anexo 2** - Questionário da Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo, Gabinete do Primeiro-ministro, tradução oficial, 2015.

*NATIONAL CONSULTATION*  
on immigration and terrorism  
Published by the Prime Minister's Office  
Please complete this questionnaire.

1) *We hear different views on increasing levels of terrorism. How relevant do you think the spread of terrorism (the bloodshed in France, the shocking acts of ISIS) is to your own life?*  
Very relevant      Relevant      Not relevant

2) *Do you think that Hungary could be the target of an act of terror in the next few years?*  
There is a very real chance    It could occur    Out of the question

3) *There are some who think that mismanagement of the immigration question by Brussels may have something to do with increased terrorism. Do you agree with this view?*  
I fully agree    I tend to agree    I do not agree

4) *Did you know that economic migrants cross the Hungarian border illegally, and that recently the number of immigrants in Hungary has increased twentyfold?*  
Yes    I have heard about it    I did not know

5) *We hear different views on the issue of immigration. There are some who think that economic migrants jeopardise the jobs and livelihoods of Hungarians. Do you agree?*  
I fully agree    I tend to agree    I do not agree

6) *There are some who believe that Brussels' policy on immigration and terrorism has failed, and that we therefore need a new approach to these questions. Do you agree?*  
I fully agree    I tend to agree    I do not agree

7) *Would you support the Hungarian government in the introduction of more stringent immigration regulations, in contrast to Brussels' lenient policy?*  
Yes, I would fully support the Government  
I would partially support the Government  
I would not support the Government

8) *Would you support the Hungarian government in the introduction of more stringent regulations, according to which migrants illegally crossing the Hungarian border could be taken into custody?*  
Yes, I would fully support the Government  
I would partially support the Government  
I would not support the Government

9) *Do you agree with the view that migrants illegally crossing the Hungarian border should be returned to their own countries within the shortest possible time?*  
I fully agree    I tend to agree    I do not agree

10) *Do you agree with the concept that economic migrants themselves should cover the costs associated with their time in Hungary?*  
I fully agree    I tend to agree    I do not agree

11) *Do you agree that the best means of combating immigration is for Member States of the European Union to assist in the development of the countries from which migrants arrive?*  
I fully agree    I tend to agree    I do not agree

12) *Do you agree with the Hungarian government that support should be focused more on Hungarian families and the [potential future] children they can have, rather than on immigration?*  
I fully agree    I tend to agree    I do not agree

**Figure 2.** Questions in the National Consultation (Prime Minister's Office, 2015, official translation).

Fonte: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038518762081>

**Anexo 3** - Resultados da Consulta Nacional sobre Imigração e Terrorismo. Governo Húngaro, 2016.

**Table 1.** Results of the national consultation (Hungarian Government, 2016).

Question	Important/Agrees/Supports (%)	Not important/Disagrees/Does not support (%)
1	96	4
2	96	4
3	89	11
4	96	4
5	91	9
6	95	5
7	97	3
8	97	3
9	96	4
10	96	4
11	85	15
12	98	2

Fonte: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038518762081>